

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

VALDIVAN CONCEIÇÃO NASCIMENTO

“UMA IGREJA COM PROPÓSITOS”: ANÁLISE DO DISCURSO PENTECOSTAL DA
IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO EM FEIRA DE SANTANA – BA

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

VALDIVAN CONCEIÇÃO NASCIMENTO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 24/05/2019.

**“UMA IGREJA COM PROPÓSITOS”: ANÁLISE DO DISCURSO PENTECOSTAL DA
IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO EM FEIRA DE SANTANA - BA**

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Análise do Discurso
Religioso

Orientador: Dr. Kenner Roger Cazotto Terra

Vitória – ES
2019

Nascimento, Valdivan Conceição

“Uma igreja com propósitos” / Análise do discurso pentecostal da igreja evangélica Avivamento Bíblico em Feira de Santana – BA / Valdivan Conceição Nascimento. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

x, 93 f. ; 31 cm.

Orientador: Kenner Roger Cazotto Terra

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

Referências bibliográficas: f. 86-93

1. Ciência da religião. 2. Análise do discurso religioso. 3. Igreja Avivamento Bíblico. 4. Pentecostalismo. 5. Igreja com propósito. 6. Discurso pentecostal. - Tese. I. Valdivan Conceição Nascimento. II. Faculdade Unida de Vitória, 2019. III. Título.

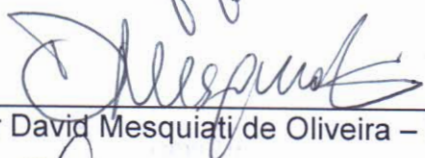
VALDIVAN CONCEIÇÃO NASCIMENTO

"UMA IGREJA COM PROPÓSITOS": ANÁLISE DO DISCURSO PENTECOSTAL
DA IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO EM
FEIRA DE SANTANA – BA

Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.



Doutor Kenner Roger Cazotto Terra – UNIDA (presidente)



Doutor David Mesquiati de Oliveira – UNIDA



Doutora Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa – UFS



Dedico aos meus pais, Sabino dos Santos Nascimento (*in memoriam*) e Beatriz Ramos da Conceição pelo amor, cuidado e investimento em minha vida, bem acima do que eles mesmos receberam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo amor e graça, pela presença e cuidado, pela força e capacidade e pelas valiosas oportunidades que tem dispensado a mim.

Agradeço à minha mãe Beatriz Ramos da Conceição por seu amor, investimento e intercessão contínua por mim.

Agradeço a minha querida esposa Dailza Santos Nascimento, a quem devo o carinho, a compreensão e o amor que tanto me ajudaram em diversos momentos. A sua superação de tão sério problema surgido durante essa pesquisa, demonstra o cuidado de Deus por nós e como você é uma mulher forte e guerreira.

Agradeço ao meu filho Caio Felipe Nascimento por seu amor e amizade. Você é minha inspiração para vencer os desafios da vida.

Agradeço ao professor Kenner Roger Cazotto Terra, meu orientador, pelas leituras e sugestões. Seu olhar sobre o trabalho foi decisivo para que eu pudesse concluí-lo.

Agradeço aos colegas da turma MCR 14 pelo apoio, companheirismo e excelente convivência.

Agradeço também a toda direção, coordenação, professores e funcionários da Faculdade Unida. Em especial, minha gratidão à secretária do Mestrado, Luana Cordeiro, pela atenção e profissionalismo.

Agradeço aos professores Claudete Beise Ulrich e David Mesquiati de Oliveira pelos valiosos apontamentos durante a Banca de Qualificação. Contribuíram bastante com o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço à professora Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa e ao professor David Mesquiati de Oliveira por terem aceitado o convite para compor a Banca de Defesa e por suas prestimosas avaliações deste trabalho.

Agradeço a cooperação e carinho de todos os membros, pastores e líderes da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico, em especial do Campo Eclesiástico Central de Feira de Santana.

Agradeço ao Conselho Geral da IEAB, à Diretoria Geral de Cultura e Educação Cristã e à Diretoria Geral Administrativa, na pessoa de seus líderes, os pastores Onésimo Ferreira da Silva, Aloisio Tadeu Rodrigues e Wesley Borges, respectivamente, pelo apoio financeiro que viabilizou esta pesquisa.

MEU TRIBUTO

Andraé Crouch (versão: Victorino Silva)

Como agradecer por tudo que fizeste a mim?
Não merecedor, mas provaste o Seu amor sem fim!

As vozes de um milhão de anjos
Não expressam a minha gratidão
Tudo o que sou e o que almejo ser
Eu devo tudo a Ti!

A Deus seja a glória
Por tudo o que fez por mim

Com Seu sangue lavou-me
Seu poder transformou-me!

A Deus seja a glória
Para sempre, amém

Quero viver para Ti
Tua vontade obedecer
E se o aplauso eu receber
No calvário irei Te gloriar



RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise do discurso pentecostal da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico em Feira de Santana no estado da Bahia e suas relações com a estratégia de crescimento de igrejas denominada Igreja com Propósitos. Esta denominação foi fundada em 1946 por seminaristas da Faculdade Metodista de São Bernardo do Campo no estado de São Paulo que aderiram à doutrina pentecostal. Os pentecostalismos no Brasil apresentam-se como um fenômeno religioso plural, multifacetado e dividido em diversas fases, de onde fluem diversas formações discursivas. Verificou-se, assim, a necessidade da realização de uma análise da gênese do discurso pentecostal desta igreja, de suas interdiscursividades e de como este discurso tem sido ressignificado a partir da adoção dos princípios de crescimento da Igreja com Propósitos, metodologia criada pelo pastor norte-americano Rick Warren, fundador da Igreja de Saddleback. Para possibilitar a realização científica da análise proposta utilizou-se os aportes conceituais da Análise do Discurso francesa como referencial teórico. Fez-se uso da pesquisa documental com levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de documentos oficiais da denominação. A partir dos dados coletados e sua posterior análise, constatou-se que as ideias e estratégias da Igreja com Propósitos incorporadas pelo Avivamento Bíblico geram um novo discurso, ressignificado e, em alguns aspectos, diferente do discurso original da denominação. Concluiu-se que o discurso pentecostal da igreja, que mantém traços fortes da doutrina da santidade wesleyana, em articulação com o discurso difundido pela Igreja com Propósitos, é conduzido numa direção mais pragmática e funcional. Esse novo discurso tem caráter híbrido, acumulando no seu bojo tanto uma ênfase nos aspectos espirituais e nas questões que apontam para a santidade, quanto uma ênfase em pontos metodológicos e na funcionalidade da igreja.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Análise do Discurso; Avivamento Bíblico; Igreja com Propósitos.

ABSTRACT

This work presents an analysis of the Pentecostal discourse of the Evangelical Church Biblical Revival in Feira de Santana in the state of Bahia and its relations with the church growth strategy denominated Church with Purposes. This denomination was founded in 1946 by seminarians of the Methodist Faculty of São Bernardo do Campo in the state of São Paulo that adhered to the Pentecostal doctrine. The Pentecostalism in Brazil presents itself as a plural religious phenomenon, multifaceted and divided into several phases, from which flow diverse discursive formations. The need for an analysis of the genesis of the Pentecostal discourse of this church, its interdiscursivities, and how this discourse has been re-signified since the adoption of the growth principles of the Church with Purposes, a methodology created by the pastor north Rick Warren, founder of Saddleback Church. To make possible the scientific realization of the proposed analysis, the conceptual contributions of the French Discourse Analysis were used as a theoretical reference. Documentary research was used with a bibliographical survey, interviews and analysis of official documents of the denomination. From the collected data and its later analysis, it was verified that the ideas and strategies of the Church with Purposes incorporated by the Biblical Revival generate a new discourse, re-signified and, in some aspects, different from the original discourse of the denomination. It was concluded that the Pentecostal discourse of the church, which maintains strong traces of the doctrine of Wesleyan holiness, in articulation with the discourse spread by the Purpose-Driven Church, is conducted in a more pragmatic and functional direction. This new discourse has a hybrid character, accumulating in its bulge both an emphasis on spiritual aspects and issues that point to holiness, as well as an emphasis on methodological points and church functionality.

Keywords: Pentecostalism; Speech analysis; Biblical Revival; Church with Purposes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 AS RAÍZES PENTECOSTAIS DO AVIVAMENTO BÍBLICO	14
1.1 A influência norte-americana	14
1.1.1 O êxtase pentecostal como experiência religiosa central	19
1.1.2 Os pentecostalismos no Brasil.....	22
1.2 O nascimento de uma denominação pentecostal na Faculdade Metodista do Brasil	25
1.2.1 O pentecostalismo de origem nacional: a Igreja Evangélica Avivamento Bíblico.....	30
1.2.2 O processo de construção da IEAB e o seu panorama atual	31
1.3. A introdução do pentecostalismo no campo religioso feirense	32
1.3.1 A fundação da IEAB em Feira de Santana	37
1.3.2 O desenvolvimento do Avivamento Bíblico em Feira de Santana.....	37
1.4 Síntese e próximas considerações.....	41
2 A ESCOLA FRANCESA DE ANÁLISE DO DISCURSO	42
2.1 O que é a Análise do Discurso	42
2.1.1 Raízes da fundamentação teórica da AD	43
2.1.2 Principais conceitos da AD francesa	44
2.2 Considerações sobre o interdiscurso	50
2.2.1 O primado do interdiscurso	51
2.2.2 Interdiscursividade X intertextualidade.....	52
2.3 O discurso religioso	53
2.3.1 O que é o discurso religioso	55
2.3.2 Principais marcas do discurso religioso.....	55
2.4 Síntese e próximas considerações.....	59
3 A IEAB EM FEIRA DE SANTANA, UMA IGREJA COM PROPÓSITOS.....	60
3.1 A origem e as características da Igreja com Propósitos	60
3.1.1 A influência do Movimento de Crescimento de Igreja	63
3.1.2 Os propósitos da IEAB em Feira de Santana	65
3.2 O ethos avivalista	66
3.2.1 A produção bibliográfica sobre a IEAB: como seu ethos é descrito	67
3.2.2 As principais práticas eclesiais da IEAB em Feira de Santana	68
3.3 Principais características do discurso da IEAB	71
3.3.1 A identidade discursiva da IEAB	72
3.3.2 A influência da ICP no discurso da IEAB em Feira de Santana	77
3.4 Síntese e próximas considerações.....	79
CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

Os pentecostalismos no Brasil apresentam-se multifacetados e com características marcantes que distinguem entre si os diversos grupos que compõem esta ala do campo religioso brasileiro. Nesta variedade de expressões pentecostais vários discursos emergem, trazendo à tona as ênfases que cada denominação assume. Neste trabalho, o discurso pentecostal da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico é o nosso foco de análise.

Temos como problema central dessa pesquisa a seguinte questão: como a estratégia Igreja com Propósitos articula-se com o discurso pentecostal adotado pela Igreja Evangélica Avivamento Bíblico em Feira de Santana, no estado da Bahia? Neste trabalho pretendemos, portanto, analisar o discurso pentecostal da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico e sua relação com os princípios do movimento de crescimento de igreja norte-americano, conhecido como Igreja com Propósitos. Esta estratégia surgiu na década de 1990 a partir do pastor Rick Warren, com a postulação de cinco propósitos fundamentais para o crescimento de uma igreja. Desde então, essa metodologia tem sido adotada por diversas denominações em todos os continentes.

Dentre os objetivos específicos desta pesquisa podemos destacar: descrever o processo de formação da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico, analisando a construção da sua identidade como igreja pentecostal fundada por brasileiros; identificar as principais características do discurso pentecostal da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico; compreender a participação do movimento Igreja com Propósitos em sua interação com o discurso da IEAB em Feira de Santana.

Esta pesquisa justifica-se pela contribuição que pretende dar às Ciências das Religiões, uma vez que o Avivamento Bíblico é uma igreja com sete décadas de existência, composta por oitenta mil membros e ainda não estudada de forma mais ampla em sua peculiaridade pentecostal. Após realização de pesquisa bibliográfica percebemos que o tema ainda não tem sido alvo de abrangentes pesquisas acadêmicas. Há, realmente, amplo material sobre o pentecostalismo brasileiro, as igrejas pioneiras, o neopentecostalismo e os desdobramentos atuais acerca do vertiginoso crescimento desse ramo do protestantismo, porém não há análises mais profundas acerca do discurso adotado por denominações pentecostais menores. Compreendemos que os resultados dessa análise podem contribuir para a melhor compreensão do fenômeno pentecostal brasileiro. O crescimento das igrejas pentecostais e neopentecostais tem sido fonte de grande interesse das Ciências das Religiões, uma vez que, o pentecostalismo

tem se destacado como o ramo protestante que mais cresce no Brasil nas últimas décadas.¹ O estudo das variadas nuances dessa expressão da religiosidade cristã, se faz necessário, pois ela tem alcançado crescimento em todo território nacional e nas mais diversas classes sociais, porém com maior penetração, notadamente, entre as camadas mais pobres da população.²

Essa proposta de pesquisa contribuirá para o aprofundamento da compreensão do processo de formação do pensamento pentecostal brasileiro, ajudando na análise dos discursos e práticas adotados pelos membros, líderes e instituições pentecostais. Acreditamos que os resultados dessa análise facilitarão a discriminação dos diferentes discursos existentes entre as igrejas pentecostais, permitindo um exame mais criterioso entre os pesquisadores dessa expressão religiosa.

Este estudo justifica-se também pela carência de uma pesquisa mais acurada, a respeito da utilização dos “pacotes” de crescimento de igrejas, sobretudo norte-americanos, largamente adotados por igrejas evangélicas brasileiras. Destacamos aqui, neste sentido, a influência de Rick Warren, autor de *Uma Igreja com propósitos*, cujos livros tem alcançado a posição de *best-sellers* em solo brasileiro, dada a sua penetração e forte aceitação em parte da liderança evangélica.

Para o desenvolvimento deste projeto, como base teórica, lançamos mão dos princípios da Análise do Discurso francesa (AD)³, e utilizamos as funções e características dos discursos institucionais, especificamente do discurso religioso/teológico. A AD consiste em evidenciar os sentidos dos discursos, levando em conta suas condições de produção sociais, históricas e

¹ MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, dez., p. 68-95, 2008, p. 69. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

² LOPES, Marcelo. Bem-aventurados os “pobres”; porque eles reinam (ao menos) no “pentecostalismo”. Maringá, *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*. v. 34, n. 2, p. 141-145, 2012, p. 142. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/18637/pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

³ Nesta dissertação utilizaremos a expressão, Análise do Discurso, apesar de existir na literatura francófona uma tentativa de se estabelecer uma distinção entre “análise do discurso” e “análise de discurso”, (CHARAUDEUAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 45).

ideológicas, indo além do texto e da análise de conteúdo⁴, buscando encontrar as condições que o produziram para se ter acesso ao sentido.⁵

No tocante à metodologia procuramos desenvolver um estudo de caso do pentecostalismo de origem nacional, analisando a origem e principais doutrinas da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico. Na primeira etapa da pesquisa, realizamos um aprofundamento teórico, mormente dos conceitos e autores norteadores da temática estudada, fazendo um levantamento dos estudos e pesquisas já realizados. Utilizamos o método documental com realização de entrevistas e pesquisa em textos e materiais oficiais da IEAB para a apreensão de dados. Na segunda etapa, fizemos o tratamento e análise dos dados buscando traçar os aspectos históricos e teológicos que marcam essa denominação. Na terceira e última etapa do trabalho, passamos à redação do texto onde apresentamos os resultados da pesquisa e propomos respostas à problematização anteriormente formulada.

O Avivamento Bíblico, denominação pentecostal alvo desta pesquisa, foi fundada na década de 1940 a partir da iniciativa de estudantes da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista em São Bernardo do Campo em São Paulo. Esta igreja destaca-se no campo religioso nacional como uma das primeiras denominações de doutrina pentecostal fundada exclusivamente por brasileiros, tendo alcançado uma projeção nacional e internacional, presente em todos os estados da federação e em outros países do mundo. Ressalta-se aqui o fato de que as igrejas pentecostais pioneiras no solo brasileiro, Congregação Cristã no Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911) foram fundadas por imigrantes italianos e suecos, respectivamente.

A IEAB nasceu a partir de uma cisão dos seminaristas Mario Roberto Lindstron, Oswaldo Fuentes e Alídio Flora Agostinho com a Igreja Metodista do Brasil. A doutrina pentecostal aceita por esses estudantes foi o estopim para o desligamento deles da Igreja Metodista. A primeira igreja foi fundada no Estado de São Paulo no ano de 1947, chegando ao Estado da Bahia, na cidade de Feira de Santana, no ano de 1968, sendo este o primeiro trabalho da IEAB na região nordeste do Brasil. A IEAB em Feira de Santana possui, portanto, cinquenta anos de fundação e será o nosso estudo de caso nesta pesquisa. Buscamos compreender o

⁴ A análise de conteúdo é cronologicamente anterior à análise de discurso, que é, em parte, construída em oposição àquela. Forte nos anos 1970, a antinomia entre as duas abordagens está, atualmente, atenuada e não é raro que estudos tentem conciliar os dois métodos. CHARAUDEUAU & MAINGUENEAU, 2004. p. 42.

⁵ BRANDÃO, Helena N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2012. p. 11.

discurso religioso desta denominação, delimitando a análise à sua unidade na cidade de Feira de Santana, que tem adotado o discurso e a filosofia de trabalho da Igreja com Propósitos.

Neste texto, produzido a partir da pesquisa em torno do problema proposto, apresentamos em três capítulos os resultados das hipóteses levantadas. A estrutura do trabalho está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentamos as raízes históricas do Avivamento Bíblico, falando brevemente sobre a origem dos pentecostalismos em nosso país e destacando o nascimento da denominação a partir da pentecostalização de alunos internos da Faculdade Metodista do Brasil. Descrevemos o processo de construção da nova denominação pentecostal fundada apenas por brasileiros e tratamos sobre a história da IEAB em Feira de Santana na Bahia, nosso foco principal neste trabalho. No segundo capítulo, passamos a destacar a origem e os princípios da Análise do Discurso francesa, que nos serviu de embasamento teórico nesta pesquisa. No terceiro capítulo, apresentamos a origem e os princípios da Igreja com Propósitos e buscamos apresentar a identidade discursiva da IEAB, como também, a produção bibliográfica sobre o discurso dessa denominação ao longo da sua história, analisando seu ethos e as principais práticas e discursos da denominação. Concluimos o trabalho com a análise da articulação dos ideais da Igreja com Propósitos com o discurso pentecostal da IEAB.

1 AS RAÍZES PENTECOSTAIS DO AVIVAMENTO BÍBLICO

Este primeiro capítulo tem como objetivo apresentar as origens históricas do pentecostalismo da IEAB e o nascimento desta denominação na cidade de Feira de Santana na Bahia e está dividido em três seções. Na primeira seção, destacamos o caráter plural do pentecostalismo brasileiro e sua influência norte-americana, identificando o êxtase como elemento central e unificador do movimento pentecostal. Na segunda seção, buscamos descrever o processo do nascimento da IEAB a partir de Igreja Metodista do Brasil, apresentando a seguir seu panorama atual. Na terceira e última seção, descrevemos a chegada do Avivamento Bíblico na Bahia e o seu desenvolvimento.

1.1 A influência norte-americana

Os Estados Unidos é o berço do pentecostalismo moderno e o movimento pentecostal brasileiro é, em certa medida, fruto das manifestações que começaram na Rua Azusa, Los Angeles, em 1906.⁶ Campos fala de uma pré-história norte-americana do pentecostalismo brasileiro.⁷ “A partir do movimento estadunidense, o pentecostalismo irradiou-se por todos os Estados Unidos, em muitos países do norte da Europa, na Índia, na China e na África, por meio de muitas formas eclesiais”.⁸

Por volta de 1900, Charles Parhan, líder de uma escola bíblica no Kansas, conduzia reuniões com a manifestação das línguas estranhas⁹, que eram compreendidas como a evidência

⁶ ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 22.

⁷ CAMPOS, Leonildo S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set./nov. 2005. p. 103.

⁸ CUNHA, Magali do N. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações. *Revista Estudos de Religião*. São Paulo: UMESP, v. 25, n. 40, p. 33-51, jan./jun. 2011, p. 38.

⁹ A experiência das línguas estranhas consiste no falar em uma língua desconhecida ou estrangeira, de forma sobrenatural, sem um processo prévio de aprendizagem. Esse dom pode manifestar-se no momento do batismo no Espírito Santo ou em situações posteriores, desempenhando o papel de edificar a comunidade ou o indivíduo. Essa expressão física, essencial para identificar o êxtase do batismo no Espírito Santo, demonstra a possibilidade contínua de viver outras experiências de ser “impactado” pelo Espírito divino. Tendo isso em conta, pode-se descrever o dom de línguas como a experiência extática por meio da qual Deus passa a agir na situação humana com o objetivo de edificação. KELM, Thiago Rafael Englert.

do batismo no Espírito Santo.¹⁰ Porém, foi através de William Joseph Seymour, um aluno negro de Charles Parhan, que as ideias pentecostais alcançaram sucesso e chegaram a outros países e continentes através de pessoas que sofreram sua influência. Seymour fundou a Missão da Fé Apostólica em 1906, num prédio alugado na Azuza Street onde reunia, dia e noite, centenas de pessoas, brancas e negras, que para lá afluíam em busca da experiência pentecostal.¹¹

Leonildo Silveira Campos, tratando das origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro, ressalta que naquele país esse movimento foi uma continuidade aos movimentos de santidade e reavivamento do século XIX, iniciados por John Wesley na Inglaterra e que alcançaram as colônias inglesas na América:

O movimento pentecostal que chegou ao Brasil em 1910-11 veio dos Estados Unidos, tratando-se então de uma expansão de um campo religioso em direção a outros que ainda não conheciam a sua mensagem. Esse 'novo' movimento não era tão novo assim, pois dava continuidade aos movimentos de reavivamento espiritual, santidade e fundamentalismo, que dariam a feição e fisionomia para o evangelismo daquele país durante todo o século seguinte.¹²

Dois grupos pentecostais (Congregação Cristã e Assembleia de Deus) chegaram ao Brasil, quase que simultaneamente, no final da primeira década do século XX. Tanto Louis Francescon, um italiano, fundador da Congregação Cristã no Brasil, quanto Daniel Berg e Gunnar Vingren, suecos, fundadores da Assembleia de Deus, foram influenciados pelo pentecostalismo emergente nos Estados Unidos. Campos destaca a influência de William Durham (1873-1912) na experiência pentecostal do italiano e dos suecos que vieram ao Brasil no final de primeira década do século XX, respectivamente 1910 e 1911:

Manifestações e simbolismo: uma leitura do êxtase pentecostal a partir da teoria do símbolo em Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio*, São Paulo, v. 12, n. 23, jun. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/download/4123/3682>>. Acesso em: 05 abr. 2018. p. 151-152.

¹⁰ Para o pentecostal, o batismo no Espírito Santo é uma experiência diferente da regeneração. Embora o Espírito Santo esteja presente em todos aqueles que creem, só pode ser experimentado plenamente através da experiência do batismo no Espírito Santo. Essa experiência caracteriza-se por envolver completamente a pessoa no “Espírito de Deus” e tem por objetivo dar ao crente o poder dinâmico do Espírito para pregar o evangelho e edificar o corpo de Cristo. Para o pentecostal, o batismo no Espírito Santo deve ser buscado e experimentado por ser uma promessa de Deus, e por abrir as portas para que outros dons possam ser experimentados, tanto para edificação pessoal como para a edificação da igreja.

¹¹ FRESTON, 1994, p. 74.

¹² CAMPOS, 2005. p. 113.

William Durham (1873-1912) a partir de Chicago passou a se opor à solução teológica das três etapas (conversão, santificação e batismo com o Espírito Santo) de Seymour, propondo apenas duas etapas resultantes da união das duas primeiras em uma só, conforme Hollenweger (1976) e Burgess e McGee (1995, p. 255). Do círculo de seguidores de William Durhan, que em 1907 organizou a North Avenue Mission, saíram Louis Francescon, Daniel Berger e A. Gunnar Vingren, que iniciariam a propagação do pentecostalismo no Brasil.¹³

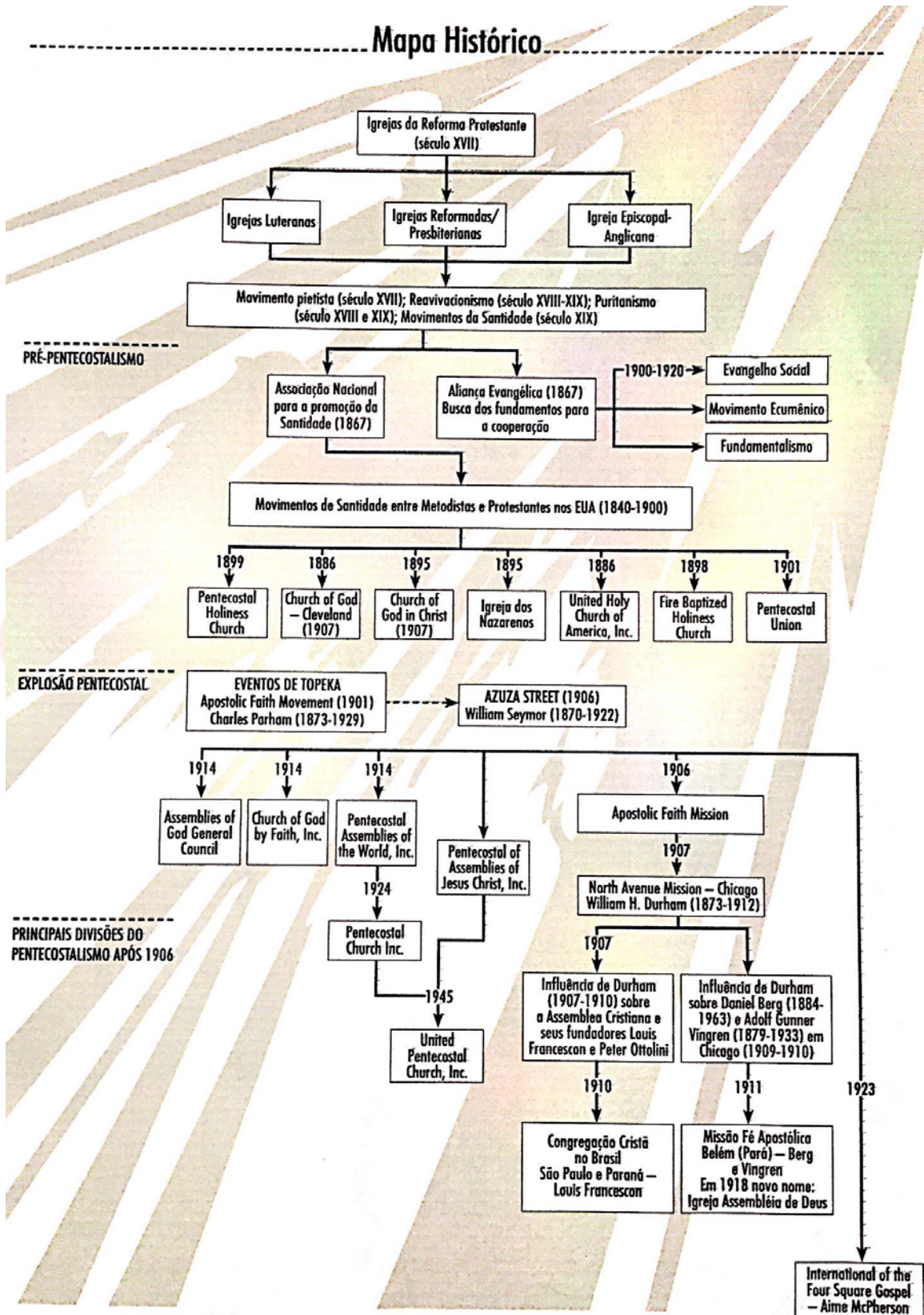
É possível traçar uma linha do tempo que revela qual o caminho percorrido pelo protestantismo após a Reforma Protestante até a eclosão do pentecostalismo. O mapa histórico do pentecostalismo de Campos¹⁴, na página seguinte, nos ajuda a compreender as origens dos pentecostalismos e a influência americana nos pioneiros pentecostais no Brasil. É possível observar nele as fases pré-pentecostalismo, explosão pentecostal e as principais divisões do pentecostalismo após o ano de 1906.



¹³ CAMPOS, 2005. p. 111.

¹⁴ CAMPOS, 2005. p. 114.

Figura 1: Mapa histórico do pentecostalismo¹⁵



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 24/05/2019.

¹⁵ CAMPOS, 2005. p. 114.

O pentecostalismo parece ter encontrado um solo fértil no campo religioso brasileiro, alcançando um crescimento lento, porém progressivo. Em poucas décadas, tornou-se a principal expressão do protestantismo nacional¹⁶, com uma forte penetração entre as camadas mais pobres da população, oferecendo-lhes uma mensagem simples de fé, esperança e sobretudo, cheia de experiências com o sagrado.¹⁷ Gedeon Alencar ressalta a tendência dos brasileiros a se aproximar da religiosidade mística e transcendental como fator facilitador da expansão pentecostal:

O Brasil sincrético dos indígenas, catolicismo e cultos afro, é marcante por uma religiosidade com muita abertura para a manifestação do êxtase e suas variantes, portanto, o pentecostalismo encontra solo fértil. Aliás muito mais aberto a isso que ao protestantismo nórdico, anglo-saxônico e americano ritualizado, segregacionista e racionalizado.¹⁸

Este fenômeno, embora marginal e sem expressão no seu momento inicial, veio a se tornar o ramo de maior crescimento do protestantismo brasileiro. Com a nova doutrina que traz em seu discurso, promoveu mudanças doutrinárias no campo religioso protestante e muitas divisões nas denominações históricas do país. Seu crescimento inicial se deu, em parte, a partir dessas cisões.

O pentecostalismo brasileiro sofreu grande influência norte-americana em suas diversas fases. Conforme a classificação de Bertone apresentada anteriormente, na primeira fase do pentecostalismo brasileiro, a do Pentecostalismo Salvacionista, a influência norte-americana se deu a partir da chegada dos missionários da Congregação Cristã (1910) e Assembleia de Deus (1911) com a mensagem da atualidade do batismo no Espírito Santo a partir do contato com as ideias de Willian Durham. A partir da década de 1950, essa influência vai acontecer a partir da chegada dos missionários da Igreja do Evangelho Quadrangular, com a ênfase na

¹⁶ MARIANO, 2008, p. 69.

¹⁷ JÚNIOR, Paulo Jonas dos Santos. & ROSA, André Luís da. Experiência religiosa: da Reforma Protestante ao avivamento pentecostal. *Revista Encontros Teológicos*, Florianópolis, v.31, n.2, p. 235-251, Mai-Ago. 2016, p. 244. Disponível em: <<https://revista.facasc.edu.br/ret/article/viewFile/58/52>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

¹⁸ ALENCAR, G. F. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911-2011*. 2012. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 42.

mensagem da cura divina.¹⁹ Esta Igreja foi fundada em Los Angeles nos Estados Unidos pela jovem metodista Aimée Semple McPherson e foi introduzida no Brasil a partir das ações pioneiras do pregador Harold Williamns, que realizou campanhas evangelísticas de curas divinas pelo Brasil a fora denominada Cruzada Nacional de Evangelização.²⁰ Na segunda fase, a do Pentecostalismo de Prosperidade, percebemos a influência norte-americana também na Teologia da Prosperidade que caracteriza o pentecostalismo dessa fase.²¹ Mariano destaca que a Teologia da Prosperidade veio a se consolidar nos Estados Unidos na década de 1970 a partir da influência de Kenneth Hagin²² quando diversos grupos pentecostais norte-americanos passaram a difundi-la.²³ Ele também afirma que Hagin inspirou-se em Essek W. Kenyon, tendo inclusive plagiado vários de seus escritos sobre cura divina e Confissão Positiva.²⁴

1.1.1 *O êxtase pentecostal como experiência religiosa central*

Segundo David Mesquiati e Kenner Terra, o que dá unidade aos múltiplos pentecostalismos no Brasil é a “centralidade da experiência religiosa a partir do êxtase”.²⁵ De

¹⁹ WULFHORST, Ingo. O pentecostalismo no Brasil. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 35, n. 1, p. 1-20, 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/838/767>. Acesso em: 12 abr. 2017. p. 10.

²⁰ WULFHORST, 2013, p. 11.

²¹ SOUZA, 2011, p. 224.

²² Sob a liderança de Kenneth Hagin, nascido no Texas, em 1917, a Confissão Positiva difundiu-se para inúmeros países. Evangelista batista, porém crente na cura divina, Hagin logo aproximou-se dos pentecostais, recebendo o batismo do Espírito Santo em 1937. Nesse mesmo ano foi licenciado pastor na Assembleia de Deus, na qual permaneceu por doze anos. No período pós-II Guerra Mundial participou das campanhas de cura divina nos EUA. Em 1962 fundou seu próprio ministério, caracterizado por transes, visões, profecias, revelações e experiências sobrenaturais, dos quais fez derivar sua “autoridade espiritual”.

²³ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 151-152.

²⁴ O termo Confissão Positiva refere-se literalmente à crença de que os cristãos detêm o poder — prometido nas Escrituras e adquirido através do sacrifício vicário de Jesus — de trazer à existência, para o bem ou para o mal, o que declaram, decretam, confessam ou determinam com a boca em alta voz. Não à toa, o livro *Há poder em suas palavras*, de Don Gosset, tornou-se best-seller evangélico nos anos 90. O exemplo vem de cima, lembram eles: Deus criou o universo através da palavra. Para os adeptos desta teologia, o que é falado com fé torna-se divinamente inspirado. Isto é, as palavras proferidas com fé encerram o poder de criar realidades, visto que o mundo espiritual, que determina o que acontece no mundo material, é regido pela palavra.

²⁵ OLIVEIRA & TERRA, 2018, p. 65-86.

forma geral, as igrejas pentecostais são identificadas pela ênfase que dão às manifestações espirituais (glossolalia, milagres, exorcismos, etc.), por intermédio do Espírito Santo. O êxtase pode ser descrito,

[...] a partir da noção básica de que existe uma interação entre o divino e o humano. Ambos afirmam a ideia de que a razão é levada além de si sob o impacto da presença Espiritual, e que esta experiência não é um estado irracional. Antes, o ser é totalmente envolvido pela ação divina, de tal forma que o indivíduo é levado a experimentar aquilo que está além de suas capacidades naturais.²⁶

A experiência sempre teve um espaço importante no meio pentecostal, sendo uma característica proeminente do movimento. Segundo Mariano, para além disso

[...] é preciso que se frise que o pentecostalismo, tal qual o conhecemos, antes de ser a religião da palavra, seguindo a tradição da Reforma, acima de tudo sempre foi a religião da experiência mística, na qual o fiel exercita dons espirituais (dons de línguas, cura, profecia, revelação...) e se concebe como templo e instrumento do Espírito Santo.²⁷

O *Dicionário do Movimento Pentecostal* apresenta em dez pontos o que na visão dos autores resumiria a identidade pentecostal e o primeiro ponto em destaque é a “ênfase na espiritualidade e poder na vida dos crentes, por meio dos dons espirituais e glossolalia.”²⁸

Mas na história do pentecostalismo brasileiro, a ‘busca’ incessante dos dons espirituais tem ligação aos movimentos de oração. Como a leitura da bíblia é literal, sem necessidade da razão humana, a contextualização não leva em conta a diferença de momentos históricos. Assim, os pentecostais consideram possível repetir a vida ascética que os primeiros crentes tinham, descrita no livro de Atos dos Apóstolos.²⁹

No Pentecostalismo Clássico ou de primeira onda, por exemplo, o discurso pentecostal é marcado fortemente pela experiência. Dá-se ênfase ao batismo *no* ou *com* o Espírito Santo como uma forma de segunda bênção posterior à salvação, como algo que vai além.

²⁶ KELM, Thiago Rafael Englert. Convergências e divergências entre a noção de êxtase no pentecostalismo clássico e a noção de êxtase em Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio*, v. 14, n. 27, p. 69-84, jun. 2015. p. 78.

²⁷ MARIANO, 1996, p. 44.

²⁸ ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. São Paulo: CPAD, 2007. p. 357.

²⁹ CAMPOS JÚNIOR, Luís C. Os pentecostais nos anos de 1940. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH, p. 1-11, 2007. p. 8. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st8/Campos%20Jr,%20Luis%20de%20Castro.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2017.

No pentecostalismo o êxtase é uma experiência por meio da qual a pessoa é levada além da percepção, porque algo de fora, transcendente, preenche a pessoa. Uma segunda ‘obra de Deus’ no ser humano, que age diretamente sobre a pessoa estabelecendo uma dinâmica supranatural-natural, em que o desconhecido vem sobre a pessoa – e a expressão disso são manifestações físicas visíveis de caráter divino que possibilitam a pessoa realizar coisas que ela por si mesma não conseguiria fazer. Alcançar este estado de êxtase pressupõe alguns requisitos necessários, e assim como podem ser buscados, também podem ser controlados.³⁰

De forma distinta dos cristãos das denominações históricas, os pentecostais clássicos acreditam que a experiência do Pentecostes, conforme relatada no livro bíblico de Atos dos Apóstolos, pode ser revivida por todos os crentes que a buscarem, pois trata-se de uma promessa para todos como uma segunda benção a ser conquistada, após a salvação.³¹ Rolim declara que “o centro do pentecostalismo é o batismo no Espírito Santo, que não é um rito como o batismo com água, e sim, uma presença toda especial do Espírito Santo, que tem como sinal exterior proferir algumas palavras estranhas”.³² Para o Avivamento Bíblico, por exemplo, o batismo no Espírito Santo “é uma experiência adquirível por ato definido de fé apropriadora por parte do salvo; sua evidência inicial é falar em línguas ou profetizar, como o Espírito Santo concede”.³³ Segundo Thiago Kelm é a relação com o Espírito Santo o fio condutor da religiosidade pentecostal:

A teologia pentecostal compreende o Espírito Santo como aquele que é Deus e se relaciona por meio da ação Espiritual na existência humana. Esta ação produz na pessoa a experiência do Espírito, caracterizado por fenômenos extáticos, sobrenaturais, incapazes de serem explicados. O Espírito Santo, na visão pentecostal, é quem dirige a igreja e produz um sentimento de unidade entre as pessoas como corpo, e entre o ser humano e Deus. Experiências extáticas, como revestimento de poder, e o pronunciamento de um idioma nunca antes aprendido, sempre estiveram presentes no pentecostalismo, e foram enfaticamente ensinadas por representantes do pentecostalismo clássico do Brasil como a Assembleia de Deus. A forma em que o Espírito Santo atua, segundo o pensamento teológico pentecostal, permite ao ser humano agir de forma sobrenatural em um estado extático que este não conseguiria alcançar por si próprio.³⁴

O discurso abaixo, proferido pelo Pr. Alídio Flora Agostinho, um dos três fundadores da IEAB, por ocasião do 30º aniversário da denominação, publicado pelo *Jornal Avivamento*

³⁰ KELM, 2015, p. 82.

³¹ JÚNIOR; ROSA, 2016, p. 246.

³² ROLIM, 1987, p. 7.

³³ IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO. *Manual básico de doutrinas*. Avivamento: Ribeirão Pires: 2014. p. 70.

³⁴ KELM, 2015, p. 76.

em 1976 expõe e confirma a importância que a denominação dá à experiência com o Espírito Santo, associando o nascimento da igreja, bem como o seu propósito principal, ao êxtase pentecostal. A marca principal da Igreja é definida a partir da “experiência com Deus”.

Deus escolheu as coisas fracas... para envergonhar os fortes... (I Co. 1:27). Na realidade Deus usa as coisas frágeis! Assim tem sido com o Avivamento Bíblico, uma obra vocacionada para avivamento espiritual, nascido há 30 anos, nos arraiais metodistas, sem ‘aparência’ nem templos... Só com uma marca bem definida: experiência com Deus e o desejo incontido de um avivamento nas forças evangélicas do país, certo de que somente um avivamento espiritual poderia livrar a igreja de sua letargia e comodismo. O pequeno grupo de metodistas experimentara realmente o sopro de nova vida, abundante e com poder. Era uma experiência de batismo no Espírito. O fogo aceso nos corações fez quebrar o jugo do tradicionalismo, das formalidades frias, do conformismo... O jugo foi quebrado ‘por causa da unção’.³⁵

A experiência do Espírito tem ocupado assim um lugar de grande importância para os pentecostais, pois ela é que funda a compreensão de fé e traça importantes caminhos de organização pessoal, familiar e social para seus adeptos.³⁶ O pentecostalismo destaca-se assim como a ala do protestantismo que mais enfatiza a ação do Espírito e a importância da vivência de uma experiência direta e espiritual.

1.1.2 *Os pentecostalismos no Brasil*

Devido às suas múltiplas manifestações doutrinárias e de prática, fala-se de pentecostalismos³⁷, no plural, para retratar os vários tipos de igrejas pentecostais que foram surgindo ao longo do tempo no Brasil. Com mais de cem anos de presença no país, o pentecostalismo em toda a sua evolução histórica nunca se apresentou como um grupo homogêneo, sempre exibindo distinções eclesiais e doutrinárias³⁸.

³⁵ SILVA, Aloisio T. R. *O milagre de um avivamento*. 2. ed. São Paulo: Avivamento, 2016, p. 33.

³⁶ POMMERENING, Claiton Ivan. Fragmentos de uma teologia do espírito para o pentecostalismo clássico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADE EST, 2014, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: EST, v. 2 p. 459-472, 2014. Disponível em: <<http://www.anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/249/214>>. Acesso em: 21 abr. 2017. p. 459.

³⁷ CAMPOS JÚNIOR, Luís de C. *Pentecostalismos: sentidos da palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995.

³⁸ MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 2005, p. 23.

Discorrendo sobre a multiplicidade do movimento pentecostal, Oliveira e Terra destacam a variedade de origem, de doutrina, e de forma de governo que o caracterizam:

Há pentecostais arminianos (como as Assembleias de Deus – com mais de doze milhões de membros no Brasil), há pentecostais calvinistas (como a Congregação Cristã no Brasil – com mais de dois milhões de membros). Há pentecostais trinitários, mas também há unicistas ('só Jesus'). Walter Hollenweger afirma que metade dos pentecostais no mundo são trinitários. Sobre a forma de governo, vão desde as mais democráticas formas de participação congregacional, até as estruturas mais concentradas, com forte hierarquização e até casos de 'privatização' por algumas pessoas ou famílias. O movimento pentecostal não está restrito a algumas denominações que sustentam o apelativo na placa ou slogan. Aliás, os pentecostalismos não podem ser vistos como denominações.³⁹

Paul Freston dividiu a história do pentecostalismo brasileiro em três ondas.⁴⁰ A primeira onda começa em 1910 e 1911 com a chegada da Congregação Cristã no Brasil e da Assembleia de Deus. Essas duas igrejas dominaram com quase exclusividade, durante 40 anos, o campo pentecostal brasileiro. A segunda onda tem início na década de 1950 com o surgimento de outros grupos pentecostais vindos do exterior,⁴¹ como a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), e a fundação de igrejas nacionais como o Avivamento Bíblico (1946), ou ainda resultado da divisão dentro do pentecostalismo, como a Igreja o Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal Deus é amor (1962). A terceira onda ocorre no final dos anos 1970 com o aparecimento da Igreja Universal do Reino de Deus (1977), seguida da Igreja Internacional da Graça de Deus, ramo bastante expressivo do pentecostalismo, também classificado como neopentecostal, devido às diferenças de doutrinas e de prática com as igrejas das duas primeiras ondas.⁴² A Teologia da Prosperidade é um forte elo que liga essas denominações dessa terceira fase, segundo Freston.⁴³

Essa classificação do pentecostalismo brasileiro de Paul Freston tem recebido diversas críticas e tem sido atualizada por outras categorizações. David Oliveira e Kenner Terra, por

³⁹ OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. *Teologia e integralidade*. Vitória: Unida, RELEP, FTL, 2018, p. 117.

⁴⁰ FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. et.al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. p. 67-159. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 70.

⁴¹ OLIVEIRA, Rafael S. Pentecostalismo e protestantismo histórico no contexto da Missão no Brasil. *DISCERNINDO - Revista Teológica Discente da Metodista*, v. 1, n. 1, p. 143-153, jan./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/discernindo/article/download/4774/4059>>. Acesso em: 21 abr. 2017. p. 149.

⁴² FRESTON, 1994, p. 74.

⁴³ FRESTON, 1994, p. 131.

exemplo, afirmam que diante das novas configurações que o pentecostalismo foi assumindo, a forma de classificá-lo também precisa passar por alterações⁴⁴ e citam Bertone Souza, que propõe uma classificação diferente dos pentecostalismos no Brasil, dividindo-o em apenas duas fases: o Pentecostalismo Salvacionista (PS) e o Pentecostalismo da Prosperidade (PP)⁴⁵. A primeira fase é chamada de Pentecostalismo Salvacionista (PS), compreendida entre 1910 e 1960, representado pela Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Deus é Amor, entre outras. Segundo esta classificação, o Avivamento Bíblico (1946) estaria incluído na primeira fase. A Segunda fase é chamada de Pentecostalismo da Prosperidade (PP), que tem início a partir da década de 1970 aos dias atuais, representado, sobretudo, pela Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e Igreja Mundial do Poder de Deus, dentre outras.

Oliveira e Terra destacam ainda a contribuição do teólogo estadunidense Frank Macchia, que apresenta uma outra classificação do pentecostalismo moderno e que nos ajuda a compreender as idiossincrasias desse fenômeno não apenas no Brasil, mas em todo o território latino-americano. A partir do contexto americano, Macchia divide o pentecostalismo em: histórico (do séc. XIX, com forte ênfase nas línguas estranhas), clássico (do séc. XX, ligado à Rua Azuza, resultado dos avivamentos ingleses) unicista (que nega a trindade e enfatiza o nome de Jesus) e o carismático (ligado à renovação carismática das igrejas protestantes históricas e católica romana). Os autores citam a presença de algumas denominações pentecostais no Brasil que seriam representantes de cada um desses quatro grupos.⁴⁶

Dadas as constantes transformações ocorridas no campo religioso pentecostal nas últimas décadas, o trabalho de classificação do pentecostalismo brasileiro tem se tornado difícil devido à sua diversidade teológica, doutrinária, eclesiológica e política. Isael de Oliveira na *História do Movimento Pentecostal Brasileiro* relaciona pelo menos dez classificações

⁴⁴ OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. Êxtase como locus hermenêutico na experiência religiosa dos pentecostalismos. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, a. XI, n. 31, Mai/Ago, p. 65-86, 2018, p. 66. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/41882/75137513763>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

⁴⁵ SOUZA, Bertone O. O Pentecostalismo na história brasileira: problemas de periodização e enfoques teórico-metodológicos. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, a. VIII, n. 22, p. 221-245, Mai/Ago, 2015, p. 27.

⁴⁶ OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 67.

diferentes para o pentecostalismo brasileiro, realizada por sociólogos, teólogos, historiadores e pesquisadores cristãos e não-cristãos de uma forma geral.⁴⁷

1.2 O nascimento de uma denominação pentecostal na Faculdade Metodista do Brasil

A Igreja Evangélica Avivamento Bíblico fundada oficialmente em 07 de setembro de 1946 é uma denominação pentecostal iniciada por estudantes da Faculdade de Teologia Metodista em São Bernardo do Campo, estado de São Paulo.⁴⁸ A história da denominação começa com os jovens seminaristas Mario Roberto Lindstron, Alídio Flora Agostinho e Osvaldo Fuentes, líderes pioneiros do Avivamento Bíblico, que tiveram contato com a pregação pentecostal através dos colegas Taisuke Sakuma e Kinzo Uchida da Igreja Metodista Livre⁴⁹ que já conheciam a experiência pentecostal.⁵⁰

Em suas memórias, Mario Roberto destacou assim a importância dos colegas japoneses para sua iniciação pentecostal:

Nesse período chegam dois estudantes, Taisuke Sakuma e Kinzo Uchida vindos da América, e que pertenciam à Igreja Metodista Livre. Eles chegaram cheios de fé e anunciando com bastante ênfase sobre o Batismo com o Espírito Santo, com evidência

⁴⁷ ARAÚJO, I. *História do Movimento Pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p. 133.

⁴⁸ SILVA, 2016, p. 33.

⁴⁹ A Igreja Metodista Livre é uma denominação metodista influenciada pelo Movimento de Santidade. Organizada em Genesee, norte do estado de Nova Iorque nos Estados Unidos em 1860, pelo ministro Benjamin Titus Roberts (1823–1893), que fora expulso da Igreja Metodista Episcopal americana, por suas críticas à decadência espiritual e atividades abolicionistas. Os Metodistas Livres defendiam que a igreja deveria ser “Livre” de: Os assentos dos bancos da igreja não poderiam ser alugados; Da escravidão ou de qualquer outra forma de injustiça e segregação étnica; Das sociedades secretas; Do domínio episcopal, contando com a participação dos leigos na administração espiritual e material da igreja; Do pecado original, porque a ênfase na santidade e na inteira santificação deveria ser restabelecida; Além disso a igreja deveria ser livre para ser guiada e usada pelo Espírito Santo, principalmente nos cultos, sem, é lógico, cair na licenciosidade da carne e da falsa “espiritualidade”. A Igreja Metodista Livre no Brasil iniciou por meio do missionário Massayoshi “Daniel” Nishizumi - japonês que nasceu em Osaka - Japão em 1900. O primeiro culto constituindo a Igreja Metodista Livre no Brasil, foi através do pr. Daniel Nishizumi, realizado em São Paulo no dia 1 de novembro de 1936, na Rua Conde Sarzedas no Bairro da Liberdade. Em 1946, a vinda dos primeiros missionários americanos, Ms. Helen Voller, Ms. Lucile Damon, Dr. e Sra. Harold Hykman, e Rev. José Emílio Emerenciano e Sra. Irene Emerenciano deu-se início a Igreja Metodista Livre entre os brasileiros.

⁵⁰ SILVA, 2016, p. 34.

em falar em línguas. Eles relataram como o Espírito Santo estava sendo derramado, como nos dias dos Apóstolos em Atos. Que o Batismo no Espírito era para os dias de hoje, bem como, curas e milagres também estavam em evidências nas reuniões, não só dos grandes pregadores, mas em pequenas reuniões, o poder de Deus era manifesto.⁵¹

Em artigo publicado no *Jornal Avivamento* em 1971, órgão oficial da IEAB, na passagem do aniversário de 25 anos da Igreja, Orestes Branchini, um dos membros fundadores, destaca a influência dos estudantes japoneses para a pentecostalização dos seminaristas.

A Igreja Metodista de Vila Mazzei à Rua Ibimirim, 26, durante o pastorado do Reverendo Teodorico J. Teixeira Franco, conservava uma vida espiritual e doutrinária excelente. Mantinha um culto de oração às terças-feiras. Com sua morte o Concílio nomeou o Rev. B.P. Bittencourt, que também dirigiu a Igreja de Tucuruvi. Para auxiliar este pastor, a Faculdade de Teologia enviou o seminarista Mario Roberto que já vinha buscando o Batismo com o Espírito Santo desde o dia em que ouviu a pregação de dois rapazes da Igreja Metodista Livre.⁵²

Não se sabe ao certo a origem do pentecostalismo desses estudantes japoneses⁵³, que já chegaram na Faculdade Metodista relatando terem tido a experiência da glossolalia ou falar em línguas estranhas, conforme o vocabulário pentecostal.⁵⁴ O que se tem ciência é que foi a partir do contato com esses estudantes japoneses que os fundadores da IEAB passaram a desenvolver um discurso e uma prática nitidamente pentecostais, tanto no ambiente da faculdade quanto nas igrejas metodistas dos bairros de Tucuruvi e Vila Mazzei, onde atuavam como estagiários, até o momento em que foram expulsos da faculdade.⁵⁵

Ao que nos parece, portanto, o surgimento deste ramo pentecostal aconteceu como um movimento isolado das denominações pentecostais pioneiras no Brasil, Congregação Cristã e Assembleia de Deus. Assim, o pentecostalismo do Avivamento Bíblico é originário da influência dos estudantes da Igreja Metodista Livre, não sendo, porém, possível determinar de onde surgiu a pregação pentecostal entre esses japoneses. No entanto, as razões que levaram ao surgimento dessa nova denominação pentecostal, apontam para o movimento de santidade e para a experiência do coração aquecido de John Wesley, que adaptadas ao movimento de

⁵¹ BENTO, D. S. B. *Biografia do fundador Mário Roberto Lindstrom*. São Paulo: Scortecci, 2016. p. 40.

⁵² BRANCHINI, Orestes. “25 anos de História”. *Jornal Avivamento*, São Paulo, set. 1971. p. 3.

⁵³ FUJIMOTO, A. O. P.; MARTINS, R. A. Z. História e educação da Igreja Metodista Livre Paróquia Itapevi – SP. *E-FACEQ: Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queiros*, ano 1, n. 1, ago., p. 1-19, 2012.

⁵⁴ SILVA, 2016, p. 34.

⁵⁵ CAMPOS JÚNIOR, 2009, p. 11.

reavivamento espiritual, influenciaram o nascimento do pentecostalismo nos Estados Unidos e a fundação da IEAB no Brasil.⁵⁶

Mario Roberto Lindstrom, um dos fundadores da IEAB e o seu principal líder, destacou em sua biografia a importância da doutrina da santidade no seu processo de pentecostalização e consequente surgimento da nova denominação:

Conheci dois seminaristas japoneses, Kinzo Uchida e Taisuke Sakuma, que me contaram suas experiências por meio da santificação em Cristo, tal como nos tempos de Wesley. Suas histórias me tocaram tão profundamente que logo manifestei o desejo de aprender e viver as mesmas experiências.⁵⁷

O Avivamento Bíblico surgiu a partir de uma dissidência de aproximadamente quarenta membros das igrejas metodistas de Vila Mazzei e Tucuruvi.⁵⁸ A sua origem está ligada à uma divisão do protestantismo histórico e o nascimento da IEAB difere das igrejas pentecostais pioneiras no Brasil, Congregação Cristã e Assembleia de Deus, uma que vez foi fundada por brasileiros.

A doutrina da santificação wesleyana é apontada como uma das causas para o surgimento do novo grupo pentecostal.⁵⁹ A experiência do *coração aquecido*⁶⁰ de John Wesley tem sido considerada a gênese do reavivamento pentecostal.⁶¹ No caso dos seminaristas metodistas, a busca pela santificação e por uma vida de oração mais plena, os levaram à experiência do êxtase dentro dos muros da Faculdade Metodista do Brasil.

O pentecostalismo brasileiro nasce no final da primeira década do século XX promovendo rupturas dentro do protestantismo histórico.⁶² Se em 1910 e 1911, a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus surgem a partir de cisões com a Igreja Presbiteriana e Igreja Batista, respectivamente, na década de 1940 será a Igreja Metodista a sofrer os efeitos da

⁵⁶ CAMPOS JÚNIOR, 2009, p. 91

⁵⁷ BENTO, 2016, p. 41.

⁵⁸ CAMPOS JÚNIOR, 2009, p. 104.

⁵⁹ CAMPOS JÚNIOR, 2009, p. 91.

⁶⁰ A experiência do coração aquecido refere-se à situação vivida por John Wesley ao ouvir a leitura do Prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos em 24 de maio de 1738. Ele afirmou sentir seu coração aquecer com o dom da fé em Jesus Cristo. Assim como Lutero, Wesley declarou entender e experimentara fé não como crença, mas como confiança a partir daquele momento.

⁶¹ ROLIM, F. Cartaxo. *O que é Pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 20.

⁶² Entendemos como “Protestantismo histórico” aquelas denominações resultantes das atividades missionárias no Brasil, desde o início da segunda metade do século XIX, por missionários metodistas, presbiterianos, congregacionais, batistas, anglicanos e luteranos.

presença pentecostal em seu arraial. O Avivamento Bíblico foi a primeira dissidência pentecostal da Igreja Metodista do Brasil.⁶³

A Igreja Metodista chega ao Brasil através do esforço de missionários americanos em 1867, após uma tentativa frustrada de implantar a obra missionária no ano de 1841. Com crescimento lento, mas bastante estruturado, a Igreja Metodista desenvolveu-se a partir dos trabalhos pioneiros em Santa Bárbara d'Oeste e Piracicaba, logo chegando à capital do estado de São Paulo e ao Rio de Janeiro. As marcas do trabalho metodista no Brasil caracterizaram-se desde o início pela evangelização, ação social e investimento na educação com a abertura de escolas, sendo que algumas transformaram-se posteriormente em faculdades, como foi o caso do Colégio Americano em Piracicaba que veio a tornar-se na Faculdade Metodista, a primeira faculdade da Igreja no Brasil.⁶⁴ Foi justamente numa das unidades de ensino da Igreja, a Faculdade Metodista do Brasil em Rudge Ramos em São Bernardo do Campo, que na década de 1940, levantou-se a controvérsia a respeito do pentecostalismo.

De forma geral, com raras exceções, o protestantismo histórico rechaçou a doutrina pentecostal que surgiu em seu arraial. O pentecostalismo, em suas primeiras décadas de inserção em solo brasileiro, foi visto como algo estranho no ninho evangélico, gerando reações de rejeição, às mais diversas.

Na verdade, esta foi a forma como o protestantismo histórico encarou o pentecostalismo que então se desenvolvia: um mal, uma heresia que entrava nas igrejas históricas e que deveria ser extirpada a qualquer custo, mesmo que para isso, ocorresse uma perda substancial de membros e resultasse em um esvaziamento de suas igrejas.⁶⁵

As igrejas históricas, de uma forma geral, foram impactadas pelo movimento de renovação espiritual que grassou no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. Igrejas Presbiterianas, Metodistas, Batistas, Episcopais, Congregacionais e Luteranas, viram surgir do seu interior movimentos carismáticos e novas denominações que passaram a assumir discursos e práticas pentecostais.

Novas denominações surgiram, saídas do protestantismo histórico, sem que houvesse a esperada diminuição interna de tensões nas denominações históricas, comprovando-se, dessa forma, a origem e o caráter estrutural, cultural e econômico dessas crises. É interessante observar que, tão logo encerrado o ciclo cisão-criação da nova

⁶³ CAMPOS JÚNIOR, 2009, p. 70.

⁶⁴ CAMPOS JÚNIOR, 2009, p. 66.

⁶⁵ CAMPOS JÚNIOR, 2009, p. 106.

denominação, como aconteceu na IPB (Igreja Presbiteriana do Brasil), na IPI (Igreja Presbiteriana Independente do Brasil), entre os batistas (Convenção Batista Nacional) e entre os metodistas (Igreja Metodista Wesleyana), as tensões ressurgiam no interior das antigas igrejas já afetadas antes pelas cisões, como se ali nada houvesse acontecido.⁶⁶

Miguez Bonino destaca o surgimento de Igrejas pentecostais a partir de igrejas históricas, provocando rupturas e conflitos:

O movimento pentecostal cresceu ‘assustadoramente’ na perspectiva dos protestantes históricos. Alguns se entusiasmaram, outros se entrincheiraram, gerando um campo de conflitos e, em alguns casos, rupturas. Batistas e Irmãos Livres sofreram mais agudamente essas tensões, mas elas não estão ausentes entre metodistas, presbiterianos ou Discípulos de Cristo.⁶⁷

O protestantismo histórico brasileiro, de teologia racional e com forte ênfase na educação do indivíduo não conseguiu ter boa convivência com a experiência pentecostal, nitidamente marcada pelo êxtase e pela valorização dos dons espirituais, conforme destaca diversos autores:

É importante ressaltar aqui, que as doutrinas enfatizadas no pentecostalismo causaram ‘escândalos’ entre os ramos protestantes históricos. A manifestação de línguas estranhas, por exemplo, tornou-se logo elemento diferenciador nos cultos, e para os históricos, até algo ‘repugnante’. O protestantismo brasileiro, com maior racionalidade, sempre encontrou grandes dificuldades para ‘aceitar’ as intensas manifestações pentecostais.⁶⁸

Apesar da divisão que foi provocada nas Igrejas Metodistas dos bairros de Tucuruvi e Vila Mazzei, o Pr. Mário Roberto Lindstrom, líder do movimento nascente, definiu assim as intenções do grupo em sua autobiografia:

Aqueles jovens seminaristas e o grupo de oração não tinham a intenção de iniciar uma nova denominação, mas o que ardia em seus corações era criar um Movimento de Oração por Avivamento espiritual no Brasil e no Mundo. Eles tinham a profunda convicção de que Deus os havia chamado para ser um Movimento genuinamente de oração, de intercessão e despertamento da Igreja brasileira e pela evangelização mundial.⁶⁹

⁶⁶ CAMPOS, Leonildo S. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 504-533, jul./set. 2011, p. 513. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n22p504>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

⁶⁷ BONINO, M. José. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003. p. 56.

⁶⁸ CAMPOS JÚNIOR, 2009, p. 82.

⁶⁹ BENTO, 2016, p. 50.

O nascimento de igrejas pentecostais no seio de igrejas históricas é um fato recorrente do campo religioso brasileiro, como ressalta Campos Júnior:

Mas a IEAB não surgiu como movimento isolado. De forma similar aos representantes do pentecostalismo clássico, as reuniões que a originaram tiveram lugar em uma igreja histórica: A Igreja Metodista da Vila Mazzei e Tucuruvi. Trata-se, portanto, de movimento que marcou certo tipo de cisão presente na Igreja Metodista. Se, em 1910 e 1911, os grupos atingidos pelo pentecostalismo estavam restritos a presbiterianos e batistas, na década de 40, tal influência passaria aos metodistas.⁷⁰

Leonildo Siqueira Campos destaca que até a chegada dos pentecostais clássicos⁷¹ ao Brasil, o protestantismo histórico era a maior manifestação religiosa não-católica entre nós e a relação entre essas duas expressões do evangelicalismo tupiniquim ao longo de mais de um século de história foi de tensões, rupturas e continuidades.⁷²

Percebemos que as diferenças entre protestantes históricos e pentecostais não se limitam à forma de inserção no território brasileiro e a questões doutrinárias. O público alcançado por essas duas expressões do cristianismo, tem sido radicalmente diferente, com evidentes diferenciações quanto ao perfil socioeconômico, alcançando também as questões de cor. O pentecostalismo tem sido, notadamente, uma expressão evangélica mais ligada aos pobres, tendo uma inserção maior nas periferias e comunidade proletárias.

1.2.1 *O pentecostalismo de origem nacional: a Igreja Evangélica Avivamento Bíblico*

Conforme já afirmado, o pentecostalismo é um fenômeno plural, que se apresenta numa diversidade de expressões não podendo ser compreendido como sendo um movimento homogêneo. Passamos então a analisar o pentecostalismo da IEAB que é uma denominação pentecostal que surgiu na década de 1940 a partir dos conflitos doutrinários com a Igreja Metodista do Brasil, uma denominação protestante histórica. Esse detalhe que marca a sua

⁷⁰ CAMPOS JÚNIOR, 2007, p. 7.

⁷¹ Usamos o termo “pentecostalismo clássico” para fazer referência ao pentecostalismo implantado no Brasil no início do século XX, que fazia coro com as pregações pentecostais da missão de Azusa Street e Chicago, ao contrário do chamado neopentecostalismo que trouxe mudanças e está florescendo no Brasil nos últimos 30 anos.

⁷² CAMPOS, L. S. Pentecostalismo e protestantismo “histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 504-533, jul./set. 2011.

origem, somada ao fato de que os iniciadores eram acadêmicos da Faculdade de Teologia Metodista, possuindo preparo teológico, algo raro entre os pentecostais à época, foram determinantes para a construção da identidade desta igreja.⁷³

Ao retratar a sua história eclesial, privilegiando os acontecimentos que culminaram em sua fundação, nosso objetivo nessa seção é analisar brevemente o processo de construção da denominação que a princípio se constituiu apenas como um movimento de oração. Para a posterior análise do seu discurso, buscaremos aqui também compreender a estrutura administrativa da IEAB, que preserva em sua organização características da hierarquia e departamentos da Igreja Metodista, apresentando-se como uma igreja pentecostal híbrida, com uma teologia pentecostal, mas com a organização administrativa e outras características de uma igreja protestante histórica.⁷⁴

1.2.2 *O processo de construção da IEAB e o seu panorama atual*

A primeira igreja do Avivamento Bíblico surgiu no bairro de Jaçanã na capital paulista, apesar de que os três iniciadores não tinham a princípio o propósito de fundar uma nova igreja. Começaram como um movimento de oração e santificação que ficou conhecido como o Grupo do Clamor.⁷⁵ Em seu início utilizou estratégias de evangelização como tendas de lona.⁷⁶ No final da década de 1950 a igreja de Jaçanã contava com doze congregações na capital e duas no interior do estado de São Paulo. O *Jornal Avivamento*, que é o órgão oficial da denominação surgiu neste período.⁷⁷

Apesar de não ter alcançado um crescimento vertiginoso⁷⁸ à semelhança de outras igrejas pentecostais surgidas na década de 1940 e 1950⁷⁹, o Avivamento Bíblico conta

⁷³ Os seminaristas Mario Roberto Lindstron, Alídio Flora Agostinho e Oswaldo Fuentes não concluíram o curso de Bacharel em Teologia, pois foram expulsos da Faculdade Metodista em 1947.

⁷⁴ CAMPOS JÚNIOR, 2009, p. 157.

⁷⁵ SILVA, 2016, p. 51.

⁷⁶ CAMPOS JÚNIOR, 2009, p. 15.

⁷⁷ SILVA, 2016, p. 52.

⁷⁸ Beatriz Muniz de Souza em sua tese doutoral classifica a Igreja Evangélica Avivamento Bíblico entre as “Igrejas Menores” do movimento pentecostal que surgiram neste a partir da década de 1940.

⁷⁹ SOUZA, Beatriz M. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

atualmente com igrejas implantadas em todos os Estados brasileiros e em mais alguns países da América, Ásia, África e Europa, como: Uruguai, Equador, Angola, Moçambique, Itália, Portugal, Índia, dentre outros.

A IEAB surgiu apresentando elementos característicos da prática pentecostal, mas sobreviveu, quando se institucionalizou como igreja, adaptando uma estrutura organizacional da Igreja Metodista⁸⁰. Na atualidade, a IEAB tem a seguinte organização administrativa: É dirigida por uma Convenção Geral, órgão diretivo supremo da Igreja, na qual todas as leis e diretrizes são estabelecidas, bem como se elege o quadro de liderança superior, o Conselho Geral, que é composto do Presidente, dos Superintendentes Regionais e Diretores Gerais. São quatro as áreas gerais de atuação: Administração, Ação Social, Cultura e Educação Cristã, Evangelismo e Missões. A Convenção Geral é realizada quadrienalmente e nela são escolhidos democraticamente pelo voto direto dos pastores e representantes dos campos eclesiais os componentes do Conselho Geral. Durante a Convenção também são analisadas as propostas de reforma e mudanças na Constituição da Igreja, texto que rege todo o funcionamento da IEAB em cada uma das suas instâncias.⁸¹

A Igreja no Brasil, está dividida territorialmente em nove Regiões: Sudeste 1, Sudeste 2, Sudeste 3, Sul 1, Sul 2, Sul 3, Centro Oeste, Norte e Nordeste; nos demais países a coordenação está sob responsabilidade da Diretoria Geral de Evangelismo e Missões. A denominação possui ainda o Seminário Evangélico Avivamento Bíblico que atua para a formação do quadro ministerial e uma editora que viabiliza a literatura da denominação, a Publicações Avivamento.

1.3 A introdução do pentecostalismo no campo religioso feirense

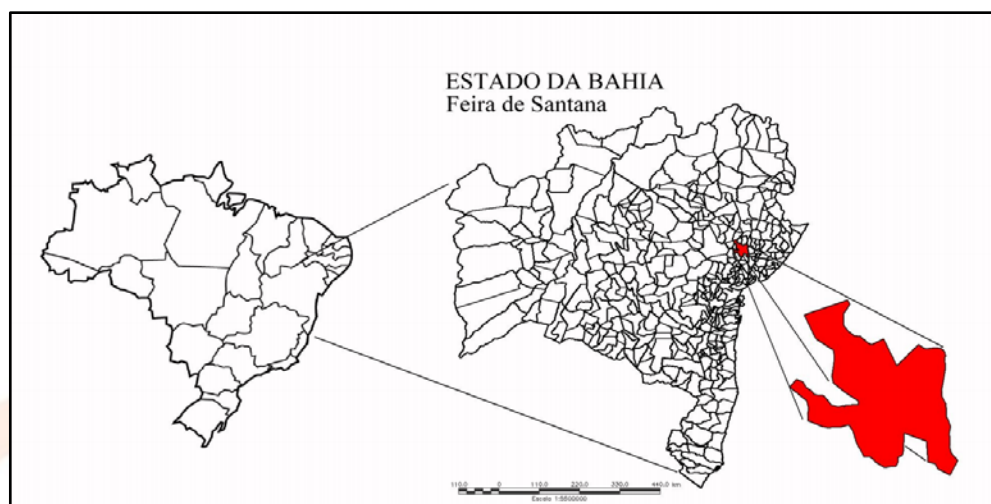
Feira de Santana é a segunda maior cidade do estado da Bahia, com população estimada em 2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 627.477 pessoas, sendo a 34ª cidade mais populosa do país, a maior do interior nordestino, superando 8

⁸⁰ CAMPOS JÚNIOR, 2009, p. 14.

⁸¹ IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO. *Constituição da IEAB 2016-2020*. São Paulo, 2017.

capitais estaduais.⁸² O município é cortado pelas importantes rodovias federais BR 324, BR 116 e BR 101, constituindo-se num dos mais importantes entroncamentos rodoviários do país, sendo relevante elo entre o norte e o sul do Brasil. Cumprindo sua vocação para o comércio, a cidade tornou-se um importante centro comercial, industrial, educacional e de serviços, sendo um ponto de atração para pessoas de mais de cem municípios de seu entorno.⁸³

Figura 2 - Localização de Feira de Santana⁸⁴



O povoamento de Feira de Santana está ligado à movimentação de boiadas, vaqueiros e viajantes que partiam da capital e do recôncavo baiano em direção ao sertão.⁸⁵ O desenvolvimento da pecuária na região demandava novas áreas para a instalação de currais e para o desenvolvimento da agricultura.⁸⁶ A cidade, pertencente à Comarca de Cachoeira e

⁸² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades*: Feira de Santana. Panorama. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>>. Acesso em: 06 out. 2017.

⁸³ NASCIMENTO, M. C. A.; SANTOS, J. O processo de urbanização e as mudanças na cidade de Feira de Santana. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS, 20, 2016, Feira de Santana. *Anais...* Feira de Santana: UEFS, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/semic/article/view/3206/2611>>. Acesso em: 12 dez. 2017. p. 4.

⁸⁴ DINIZ, A. F.; SANTOS, R. L.; SANTO, S. M. Avaliação dos riscos de seca para o município de Feira de Santana-BA associado à influência do el nino no semi-árido do nordeste brasileiro. +*Geografias*, Feira de Santana, n. 1, p. 18-24, Maio / nov. 2008.

⁸⁵ Intitulada por Ruy Barbosa em 1919 de “Princesa do Sertão”, Feira de Santana está localizada no agreste, na porta do sertão baiano, numa área de transição entre o litoral e o sertão, tendo a maior parte do seu território incluído no semiárido, polígono das secas.

⁸⁶ ANDRADE, Celeste M. P. *Origens do povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial*. 1990. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1990. p. 15.

próxima do Arraial de São José das Itaporocas, surgiu no início do século XVIII de uma fazenda que ficava localizada na estrada das boiadas e que servia de ponto de parada e descanso para os boiadeiros. Ao redor da Fazenda Santana dos Olhos D'água, pertencente ao casal Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão, surgiu uma feira que rapidamente deu origem a uma vila a qual, em 1873, com seu desenvolvimento econômico, foi elevada à categoria de cidade com o nome de Cidade Comercial de Feira de Santana.⁸⁷

Como revela o próprio nome da cidade, a Igreja Católica está presente em sua história desde o seu início. No princípio do século XVIII, o casal Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão, católicos fervorosos, doou cem braças de terras para a construção de uma capela em louvor à Senhora Sant'Ana e São Domingos.⁸⁸ Em 1846 a freguesia de Feira de Santana tornou-se Sede Paroquial. A Igreja Católica, hegemônica em todo o território nacional desde a chegada dos portugueses, ocupou também de forma isolada uma posição hegemônica no campo religioso feirense até a chegada dos primeiros protestantes.

O estabelecimento do culto protestante no estado da Bahia, segue a mesma tipologia do protestantismo em todo o Brasil, ou seja, com a existência, segundo Elizete da Silva⁸⁹, do protestantismo de imigração e do protestantismo de missão⁹⁰, a partir da segunda metade do século XIX com a chegada de anglicanos e batistas, respectivamente. Os primeiros esforços de evangelização protestante em Feira de Santana datam do século XIX, precisamente a partir de março de 1896 com a chegada do casal de missionários americanos e presbiterianos George Whitehill Chamberlain e Mary Ann Annesle juntamente com sete filhos, que estavam no Brasil desde o ano de 1862. Eles fixaram residência em Feira de Santana após fundarem o Colégio Americano no Rio de Janeiro e, posteriormente, em Salvador no ano de 1892.⁹¹ A estadia da família Chamberlain foi de curta duração, não havendo tempo de fundar uma igreja em solo

⁸⁷ POPPINO, R. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968. p. 21.

⁸⁸ GALVÃO, Renato A. Os povoadores da região de Feira de Santana. *Sitientibus*, v. 1, n. 1, p. 25-31, jul./dez. 1982. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/1/povoadores_da_regiao.pdf>. Acesso em: 01 out. 2017.

⁸⁹ SILVA, Elizete da *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia*. 1998. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. p. 26.

⁹⁰ Protestantismo de imigração: Estrangeiros protestantes que fundaram suas igrejas para propiciarem assistência espiritual aos fiéis de sua nação. Protestantismo de missão: Estrangeiros que chegaram ao Brasil com um espírito proselitista.

⁹¹ OLIVEIRA, Lélia V. F. *E a história continua...* Feira de Santana: Igreja Evangélica Fundamentalista, 2007. p. 77.

feirense, pois dois de seus filhos vieram a falecer acometidos pela febre amarela que assolava o estado da Bahia em 1899, levando o missionário a transferir-se para a cidade de Cachoeira.⁹²

A implantação da primeira igreja protestante na cidade de Feira de Santana só veio a ocorrer quase 40 anos depois dessa primeira tentativa frustrada. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira desde o início do século XX realizava o serviço de divulgação do Evangelho no Brasil através de colportores, que eram homens que se dedicavam à venda de Bíblias e literatura evangélica, de porta em porta, nas vilas e cidades. Em 1935 foi enviado à Feira de Santana o casal de missionários da Sociedade Britânica, Roderick Murdo Gillanders e Isabel Florence Gillanders, naturais da Nova Zelândia. Fixaram residência em Feira e após enfrentarem resistências e perseguições por parte de algumas pessoas, influenciadas pelo clero local da Igreja Católica, fundaram a Igreja Evangélica Unida em 1937, permanecendo na cidade até o ano de 1955. A partir do ano de 1966, esta Igreja passou a denominar-se Igreja Batista Fundamentalista.⁹³

A primeira igreja pentecostal a se inserir na cidade de Feira de Santana foi a Assembleia de Deus, tendo o ano de 1938 como data oficial da inauguração do seu primeiro templo. Porém, a mensagem pentecostal assembleiana estava presente em solo feirense desde o ano de 1936 através de José Carlos Guimarães “um negociante de animais que para Feira de Santana se dirigiu no intuito de vender o produto e aproveitava para exercer a evangelização”.⁹⁴

A Assembleia de Deus estava presente na Bahia desde 1930, ano em que foi inaugurado o seu primeiro trabalho na cidade do Salvador, capital do estado, a 110 km de distância de Feira. Sobre o início da Assembleia em Feira de Santana (ADEFES)⁹⁵, constatamos que:

Em Feira de Santana, a congregação central da Assembleia de Deus instalou-se em 1938. Posteriormente, foi construído um grande templo próximo à estação rodoviária, local de intensa movimentação de moradores da cidade, passageiros migrantes que se

⁹² TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. *O Instituto Bíblico Batista do Nordeste e a construção da identidade batista em Feira de Santana (1960-1990)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 1990, p. 74.

⁹³ OLIVEIRA, 2007, p. 79.

⁹⁴ SILVA, I. J. T. A atuação social da Assembleia de Deus: normas e valores entre os anos 1970 e 1980. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis, SC. *Anais...* Florianópolis, SC: ANPUH, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439844658_ARQUIVO_IgorTrabuco-textoanpuh,2015,p.1-15.pdf>. Acesso em: 01 out. 2017.

⁹⁵ A partir daqui usaremos a sigla ADEFES ao nos referirmos à Assembleia de Deus de Feira de Santana.

deslocavam para outras regiões do Estado e do País, especialmente para São Paulo. Feira de Santana, no período, não era apenas um grande centro comercial, mas uma cidade entroncamento, ligando por via de transporte terrestre o nordeste e o sudeste do País.⁹⁶

A ADEFS insere-se no campo religioso feirense na mesma década de 1930 em que os missionários neozelandeses, Roderick e Isabel Gillanders, da Sociedade Bíblica Britânica fundaram o pioneiro trabalho evangélico no município. Apesar de conviverem pacificamente com outros grupos evangélicos históricos como congregacionais e batistas, que foram surgindo ao longo dos anos, a própria missionária Isabel Gillanders relata em suas memórias algumas animosidades que existiram no relacionamento com os pentecostais:

Enquanto o pastor estava fora, membros da Igreja Pentecostal aproveitaram da sua ausência, para visitar os crentes novos e convencê-los de que o nosso pastor não tinha o Espírito Santo, nem também falava línguas, tendo sido enganados pelos pentecostais, que imediatamente os batizaram. Naquela ocasião 22 membros professaram sua fé. Estas notícias foram uma verdadeira decepção para nós e tristeza para os nossos corações.⁹⁷

Percebemos que a convivência entre cristãos pentecostais e tradicionais ou históricos nem sempre foi pacífica e marcada por mútua cooperação na cidade, como também ocorreu em outros lugares. O protestantismo brasileiro desenvolveu-se assim debaixo de um clima de oposição entre os vários grupos que o compõem, existindo muitas vezes mais inimizade do que cooperação mútua. A disposição para o diálogo, de parte a parte, e a boa convivência, muitas vezes, só existem entre as igrejas da própria denominação. Em relação à necessidade do diálogo, destacando o papel dos pentecostais para isso, e do respeito às teologias diferentes, mas não excludentes, David Mesquiati de Oliveira destaca que

A teologia pentecostal não pode querer colocar-se como critério para uma teologia final, evoluída, completa. Antes deve perceber-se parte da teologia cristã, e mais, que diferentes correntes dentro do pentecostalismo têm direito a sua própria teologia, sem passar pelo crivo da denominação A ou B. Serão teologias que dialogarão entre si, com os mais próximos e com os de pouca afinidade. Saberá o que os une e o que os separa. Mas isso não pode ser impeditivo para trabalharem juntas em prol do bem comum, de causas humanitárias, do compromisso com a sociedade.⁹⁸

⁹⁶ FERREIRA, S. S. A. *O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembleia de Deus em Feira de Santana (1949 - 1980)*. 2008. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2008. p. 36.

⁹⁷ GILLIANDERS, I. *A história inacabada*. Feira de Santana: Planzo, 1990.

⁹⁸ OLIVEIRA, David M. Teologia pentecostal dialógica: metodologia e desafios. In: OLIVEIRA, D. M. (Org.). *Pentecostalismo em diálogos*. São Paulo: Fonte, p. 23-34, 2015, p. 33.

Apesar dos atritos iniciais, a Assembleia de Deus apresentou grande crescimento quantitativo ao longo dos anos, superando os demais grupos evangélicos em número de membros e congregações. A igreja investiu também em trabalhos sociais, possuindo desde a década de 1950 um orfanato em funcionamento, além de um centro de recuperação para dependentes químicos, o Desafio Jovem. A história da ADEFS é de grande importância para o objetivo central desta pesquisa, não apenas porque ela foi a primeira igreja pentecostal da cidade, mas, sobretudo, pelo fato do fundador da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico na cidade na década de 1960, o Pr. João Pedro de Oliveira, ter sido um dos membros fundadores da ADEFS, na década de 1930.

1.3.1 A fundação da IEAB em Feira de Santana

A implantação da primeira igreja do Avivamento Bíblico em solo nordestino e especificamente no estado da Bahia deu-se no ano de 1968, porém, pelo menos 10 anos antes já haviam esforços evangelísticos neste sentido. A cidade de Feira de Santana foi a porta de entrada do Avivamento Bíblico no nordeste brasileiro e daquela cidade espalhou-se por quase todos os estados. Boa parte das igrejas existentes hoje no estado são fruto daquela igreja pioneira. A chegada da IEAB em Feira representou um avanço do pentecostalismo na cidade, uma vez que, até aquele momento, só havia a Assembleia de Deus como representante da doutrina pentecostal. Relatamos a seguir a trajetória inicial dos pentecostais em Feira e os primeiros passos do Avivamento Bíblico ali.

1.3.2 O desenvolvimento do Avivamento Bíblico em Feira de Santana

Marinalva de Oliveira, residente em Feira de Santana, viúva do Pr. João Pedro de Oliveira, em entrevista concedida ao autor relatou que o mesmo nasceu em 24 de agosto de 1904 na cidade de Paripiranga, no estado da Bahia, próximo à divisa com o estado de Sergipe.

Veio morar em Feira de Santana ainda na juventude à procura de melhores condições de vida, fugindo das agruras da seca do semiárido.⁹⁹

Ainda segundo relatos da viúva do Pr. João Pedro, ele, após enfrentar um tempo de dificuldades como retirante sem familiares na cidade, casou-se e, pela influência do seu sogro que era juiz de direito, conseguiu um cargo de oficial de justiça junto ao Fórum local. Conheceu o evangelho através da mensagem pentecostal pregada pelos pioneiros da Assembleia de Deus na cidade, vindo a ser o seu terceiro membro comungante. Inclusive, a sua residência então situada na Rua Barão de Cotegipe no centro da cidade foi um dos primeiros locais de reunião dos irmãos assembleianos. O Pr. João Pedro de Oliveira congregou durante aproximadamente 15 anos na ADEFS, chegando a ser consagrado a presbítero, porém, durante a gestão do Pr. Manoel Joaquim (1948-1951), decidiu desligar-se da igreja, fundando a Igreja Pentecostal Assembleia de Deus, uma igreja independente.

As dissidências são uma marca histórica do protestantismo e, notadamente, do pentecostalismo.¹⁰⁰ O crescimento da doutrina pentecostal no Brasil tem ocorrido a partir das constantes divisões que geram novos ministérios, em sua maioria, independentes. “Em tais ramos pentecostais ocorreram dissidências, ocasionando novos movimentos. Alguns estudiosos tratam ou conceituam a expansão do pentecostalismo pela ‘cissiparidade’ (múltiplas divisões).”¹⁰¹ A própria Assembleia de Deus é fruto de uma cisão no seu nascedouro. Os pastores pioneiros, Gunnar Vingren e Daniel Berg ao chegarem ao Brasil congregaram durante um período na Igreja Batista em Belém do Pará, de lá saindo acompanhados por alguns membros para fundar a Missão da Fé Apostólica, um tempo depois denominada Assembleia de Deus.

A Igreja Pentecostal Assembleia de Deus, liderada pelo Pr. João de Oliveira, passou a reunir-se em templo próprio situado à Rua Dom João VI, próximo à antiga estação de trem da cidade. O número de membros era de aproximadamente 80 pessoas juntamente com aqueles

⁹⁹ Os fatos e dados a respeito do Pr. João Pedro de Oliveira contidos nessa seção foram colhidos a partir de uma entrevista realizada com a sua viúva, Marinalva de Oliveira, residente na cidade de Feira de Santana.

OLIVEIRA, Marinalva. *A vida de João Pedro de Oliveira*. Feira de Santana, 20 out. 2017. Entrevista concedida a Valdivan Conceição Nascimento.

¹⁰⁰ CAMPOS, 2011, p. 513.

¹⁰¹ CAMPOS JÚNIOR, Luís de C. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995. p. 50.

que faziam parte da congregação que já existia na cidade de Ipecaetá, a 60 km de Feira de Santana.

Lélia Vítor Fernandes de Oliveira faz o relato da criação de uma associação de pastores no início da década de 1960, através da iniciativa do Pr. Antônio Limeira Neto, durante a sua gestão à frente da Igreja Evangélica Unida (1960-1964). Entre os membros da associação aparece o nome do Pr. João de Oliveira, evidenciando o bom relacionamento da igreja dissidente com as demais igrejas evangélicas da cidade:

Como ação do seu pastorado foi criada a Associação dos Pastores de Feira de Santana, sendo seu primeiro Presidente, constituída dos membros: Pr. Saturnino Pereira da Primeira Igreja Batista; Pr. Fileto Barreto da Segunda Igreja Batista; Pr. José Rodrigues da Assembleia de Deus; Pr. João de Oliveira da Igreja Pentecostal; Pr. Laurentino Miranda da Igreja Cristã Evangélica e o missionário americano Halace Perkins da Igreja Presbiteriana.¹⁰²

Conforme entrevista com a viúva do Pr. João Pedro, no início da década de 1960, o missionário Manoel de Melo, fundador da Igreja o Brasil para Cristo, destacava-se como um dos maiores líderes do pentecostalismo brasileiro, fazendo grande sucesso com seu programa de rádio e com suas cruzadas evangelísticas que reuniam milhares de pessoas. Houve então o interesse do Pr. João Pedro de Oliveira em filiar a sua denominação independente à Igreja O Brasil para Cristo. A então Igreja Pentecostal Assembleia de Deus passou a se chamar Igreja O Brasil para Cristo. O missionário Manoel de Melo chegou a vir a Feira de Santana realizar o casamento do Pr. João de Oliveira com Marinalva Oliveira no ano de 1960. No entanto, o vínculo com o Brasil para Cristo durou apenas 5 anos.¹⁰³

O Pr. João de Oliveira mantinha uma estreita amizade com o Pr. Raimundo Ferreira da Silva¹⁰⁴, o qual é natural da cidade de Riachão do Jacuípe, que dista aproximadamente 80km de Feira de Santana. O Pr. Raimundo Ferreira, desde a década de 1950 vivia em São Paulo, onde conheceu o evangelho e servia como evangelista na Igreja Evangélica Avivamento Bíblico.¹⁰⁵ Após sua conversão, entre os anos 1958 a 1960, regressou diversas vezes às

¹⁰² OLIVEIRA, 2007, p. 92.

¹⁰³ OLIVEIRA, Marinalva. *A vida de João Pedro de Oliveira*. Feira de Santana, 20 out. 2017. Entrevista concedida a Valdivan Conceição Nascimento.

¹⁰⁴ O Pr. Raimundo Ferreira da Silva nasceu no povoado de Santo Agostinho no ano de 1926, município de Riachão do Jacuípe, interior do estado da Bahia. Em ordem, foi o quarto pastor ordenado pela IEAB, sendo hoje o pastor mais antigo da Igreja, embora jubilado das suas funções pastorais. Reside na cidade de Sorocaba, estado de São Paulo.

¹⁰⁵ SILVA, 2016, p. 132.

localidades de Riachão do Jacuípe, Tanquinho, Pé de Serra e Santo Agostinho, onde vivia a sua família, fervorosamente católica, a fim de evangelizá-los. Nessas ocasiões, o Pr. Raimundo sempre mantinha contato com o Pr. João de Oliveira, muitas vezes pernoitando em sua casa durante as longas viagens e informando-o a respeito do trabalho desenvolvido pelo Avivamento Bíblico. Durante algum tempo, inclusive, enviou-lhe exemplares do Jornal do Avivamento, periódico que relatava os principais fatos e ações da Igreja. Como resultado das investidas do Pr. Raimundo para a evangelização da família, converteram-se ao Evangelho alguns de seus familiares, especialmente seu irmão Cosme Ferreira da Silva¹⁰⁶, que ficava na responsabilidade de reunir-se com os novos convertidos para ler a Bíblia e fazer a exposição dos textos lidos, conforme relato do mesmo.¹⁰⁷

Os familiares convertidos do Pr. Raimundo foram batizados na igreja liderada pelo Pr. João de Oliveira no ano de 1960, passando o seu irmão Cosme Ferreira da Silva a viver algum tempo em Feira de Santana, congregando naquela igreja e morando com o Pr. João.¹⁰⁸ Depois de algum tempo, Cosme Ferreira da Silva também foi para São Paulo, onde foi ordenado pastor do Avivamento Bíblico.¹⁰⁹ Essa amizade entre o Pr. João Pedro de Oliveira e os irmãos Pr. Raimundo e Pr. Cosme viabilizou a transferência daquele trabalho para o Avivamento Bíblico em 1968. Na ocasião foram anexadas à Igreja Evangélica Avivamento Bíblico as congregações de Feira de Santana e Ipecaetá.

No caso específico da IEAB em Feira de Santana, a igreja nasceu a partir da fusão com uma igreja pentecostal independente cujas raízes remontam à Assembleia de Deus. De forma oficial o Avivamento Bíblico originou-se na cidade no ano de 1968, dividindo com a Assembleia de Deus a posição de representantes do pentecostalismo na cidade.¹¹⁰ O Pr. Orlando Rossinholi foi enviado do estado de São Paulo pela direção geral da Igreja para pastorear as comunidades de Feira de Santana e Ipecaetá, tornando-se o primeiro pastor da IEAB na cidade.¹¹¹ A IEAB alcançou crescimento quantitativo ao longo dos seus 50 anos de existência na cidade, reunindo mil e quinhentos membros. Com a continuidade daquele trabalho e pelo

¹⁰⁶ Foi ordenado pastor da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico no ano de 1967. Tornou-se presidente do Conselho Geral da IEAB no período (2000-2008).

¹⁰⁷ SILVA, 2016, p. 132.

¹⁰⁸ SILVA, 2016, p. 132.

¹⁰⁹ SILVA, 2016, p. 133.

¹¹⁰ OLIVEIRA, 2007, p. 92.

¹¹¹ CARMO, Daniel; CARMO, Jeovânia. *50 anos da IEAB em Feira de Santana: uma história de milagres*. Feira de Santana: [s.n.], 2018, p. 13.

estabelecimento de outras estratégias. Durante este período, a igreja teve sete pastores titulares e outros interinos

A IEAB surge assim no campo religioso brasileiro, como mais uma expressão do pentecostalismo. Com um discurso marcado pelas principais doutrinas pentecostais, porém com características intrínsecas de um movimento que começou no interior de uma igreja protestante histórica.¹¹² Vimos até aqui que a identidade dessa denominação foi forjada a partir dos fatos que lhe deram origem, a partir das raízes metodistas e dos dogmas pentecostais que foram abraçados.

1.4 Síntese e próximas considerações

Neste capítulo, procuramos identificar as raízes pentecostais do Avivamento Bíblico, analisando o fenômeno dos pentecostalismos no Brasil. Traçamos o panorama histórico da IEAB, refletindo sobre o seu processo de construção, destacando a chegada da denominação ao estado da Bahia e a fundação e desenvolvimento na cidade de Feira de Santana. No capítulo seguinte apresentaremos a Análise de Discurso de origem francesa, nosso referencial teórico, procurando destacar seus conceitos principais e analisaremos as marcas do discurso religioso. Precisaremos tratar desse assunto, pois a fim de realizar a análise discursiva de documentos oficiais da IEAB no terceiro capítulo, temos que nos apropriar de alguns pressupostos da AD.

¹¹² SILVA, 2016, p. 31.

2 A ESCOLA FRANCESA DE ANÁLISE DO DISCURSO

Neste capítulo, o nosso objetivo é destacar alguns dos pressupostos da Escola de Análise do Discurso francesa (AD) que nos ajude no processo de investigação do discurso da IEAB. Partimos do entendimento de que a tarefa do analista do discurso é compreender e explicitar o modo como o discurso produz sentidos em uma dada enunciação.¹¹³

2.1 O que é a Análise do Discurso

A Análise do Discurso é uma teoria que tem como objeto de estudo o próprio discurso. Apresenta-se como um entrecruzamento de diversos campos disciplinares, com destaque para a linguística, o materialismo histórico (por situar a linguagem na história) e a psicanálise (que introduz a noção de sujeito discursivo).¹¹⁴ O discurso, por si só, é de natureza tridimensional, abarcando a linguagem, a história e a ideologia. Sua produção acontece na história, por meio da linguagem, uma das instâncias por onde a ideologia se materializa.¹¹⁵

A AD é a reflexão da fala em contexto e contribui para a compreensão de como as pessoas pensam e atuam no mundo concreto e está, portanto, ligada ao conceito de linguagem enquanto lugar de interação social entre as pessoas, enquanto formas de significar, gerando sentidos e não apenas como um sistema abstrato.¹¹⁶ Segundo esta concepção, através da linguagem, o indivíduo atua não só levando em conta a comunicação enquanto expressão do pensamento, mas também consideram o lugar de onde estão falando¹¹⁷, as imagens que os interlocutores têm de si, dos outros e ainda o contexto sócio-histórico-ideológico no qual estão inseridos¹¹⁸. A AD é atualmente uma área de pesquisa, como também, um referencial teórico

¹¹³ GONDIM, Sônia Maria Gomes; FISCHER, Tânia Fischer. O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural. *Cadernos Gestão Social*, Salvador, v. 2, n. 1, p. 09-26, set./dez. 2009. p. 10.

¹¹⁴ ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6 ed. Campinas: Pontes, 2005. p. 23.

¹¹⁵ GONDIM; FISCHER, 2009. p. 11.

¹¹⁶ ORLANDI, 2005, p. 16.

¹¹⁷ PEDRO, Emília R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: PEDRO, Emília R (Org.). *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Caminho, p. 19-46, 1997, p. 20-21.

¹¹⁸ MAZIÉRE, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola, 2007, p. 22.

que interessa a diferentes disciplinas acadêmicas, como a Linguística, Psicologia, História, Sociologia, Educação, Antropologia, Teologia, dentre outras.¹¹⁹

2.1.1 Raízes da fundamentação teórica da AD

Apesar das raízes históricas da AD remontarem para a Antiguidade com os estudos retóricos, passando pelo século XIX com os estudos do texto e ainda pelas primeiras décadas do século XX com os formalistas russos¹²⁰, segundo Brandão, a AD começa a configurar-se enquanto disciplina a partir da década de 1950 com a obra de Harris (1952) onde ele apresenta a possibilidade de uma análise que vai além da mera frase e os trabalhos de R. Jakobson e E. Benveniste onde ganha destaque a reflexão sobre o papel da enunciação.¹²¹ Começa-se a pensar numa AD cujo objetivo não seria mais os estudos linguísticos apenas no nível da frase, ou sentença isolada; supera-se a análise de conteúdo e passa-se a enxergar como prioridade a investigação no nível do texto ou do discurso.¹²²

Essas obras pioneiras já marcaram, desde o início da formação da AD como um campo específico do saber, duas vertentes distintas desta perspectiva teórica: uma americana, ainda configurada como uma extensão da Linguística e outra de tradição europeia, com um enfoque sócio-histórico, usando a Linguística como instrumento para abordar a política, seguindo a tradição francesa de aliar o texto à história.¹²³ De uma forma geral, essa tradicional corrente europeia nasceu procurando ir além de apenas analisar enunciados linguísticos, dando um caráter histórico à linguagem, buscando ir além da frase e da sentença, enxergando no texto a reconstrução histórica do sujeito. Maingueneau destaca as principais características da AD de tendência francesa:

Essas 'tendências francesas' têm suas raízes na filologia do século XIX, em diversas práticas (particularmente na análise estilística de textos literários) e em tradições filosóficas 'continentais'. Ao falar em 'tendências francesas', remeto apenas a um certo estilo de análise do discurso, geralmente caracterizada pela referência a teorias da 'enunciação', pela preferência pelos discursos 'institucionalizados' apreendidos em uma perspectiva macrosociológica, pelo interesse pela subjetividade e heterogeneidade discursivas (polifonia, dialogismo), pela ênfase dada à materialidade

¹¹⁹ PEDRO, 1997, p. 15.

¹²⁰ ORLANDI, 2005, p. 17.

¹²¹ BRANDÃO, 2012, p. 13.

¹²² FIORIN, J. L. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B.; SILVA, M. C. S. (Org.). *Texto ou discurso*. p.145-165. São Paulo: Contexto, 2012. p. 146.

¹²³ BRANDÃO, 2012, p. 16.

linguística, pela tese do primado do interdiscurso. Não queremos dizer que isso implica necessariamente que todos os estudiosos participantes desse tipo de análise adotem a totalidade dessas premissas exatamente como estão colocadas.¹²⁴

Estamos chamando de Escola Francesa de Análise do Discurso a categoria de análise do discurso prevalente na França nas décadas de 60 e 70, a partir da existência de diversas pesquisas em diversas áreas do conhecimento. A partir da França, uma metodologia específica de abordagem foi disseminada onde leva-se em consideração os aspectos subjetivos, linguísticos e ideológicos na formação do discurso.¹²⁵

2.1.2 *Principais conceitos da AD francesa*

A seguir, trataremos de alguns conceitos concernentes à Análise do Discurso, de grande importância para o estudo que ora realizamos. A AD trata, portanto, do discurso. Começamos, então, buscando as origens desta palavra: “e a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”.¹²⁶ Kenner Terra nos ajuda no caminho do entendimento sobre discurso afirmando que

Como qualquer conceito, ‘discurso’ é alvo de diversos usos imprecisos. Por vezes, confundem-se discurso e fala discurso e texto ou discurso e língua, impedindo maior acuracidade terminológica e, por sua vez, metodológica. Como vimos, a Análise do Discurso é uma disciplina habilitada para nos ajudar na definição e estudos desse importante termo. Por isso, é preciso descrever, a partir desse campo disciplinar, o que significa ‘discurso’, seu principal objeto. Somente assim será possível entendê-lo e interpretá-lo como parte da produção das linguagens da religião.¹²⁷

A palavra discurso emerge da tentativa de se estabelecer a clara distinção entre significado e sentido.¹²⁸ O significado sustenta-se na crença de que as palavras são convenções tácitas¹²⁹ firmadas entre os falantes de uma língua, enquanto o sentido apoia-se na crença de

¹²⁴ MAINGUENEAU, D. Analisando discursos constituintes. *Revista do GELNE*, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2000. p. 5.

¹²⁵ CHARAUDEU; MAINGUENEAU, 2004, p. 43.

¹²⁶ ORLANDI, 2005, p. 15.

¹²⁷ TERRA, Kenner Rocha Cazotto. Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 51, p. 1085-1106, set./dez. 2018, p. 1092.

¹²⁸ FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992. p. 31.

¹²⁹ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1991. p. 25.

que a convenção linguística, que pretende dar um caráter universal ao significado, pode assumir matizes. Em outras palavras, um mesmo significado se manifesta em sentidos circunscritos a produções discursivas oriundas de inserções no mundo social. Em resumo, o conceito de discurso e sua conseqüente análise só se tornam possíveis pela ruptura no âmbito da tradição dos estudos sobre a linguagem cujo objetivo é o de buscar a invariância das línguas.¹³⁰

Segundo Foucault, o discurso compõe uma série de acontecimentos que o situa na dimensão histórica e se materializa na linguagem sob a forma de enunciados. A tarefa da análise de discurso é desvelar as regras de formação (desconstrução) e ter acesso às condições de existência que lhes dão sentido. Trata-se de compreender as condições de possibilidade de um dado discurso marcado na memória social (corpo sócio-histórico-cultural compartilhado) e entrecruzado pela interdiscursividade (várias vozes sociais que se expressam na fala do sujeito).¹³¹

O desenvolvimento da AD faz emergir o conceito do discurso como o seu método principal. Orlandi define discurso como sendo “o efeito de sentidos entre locutores”¹³² e o diferencia da mensagem, da língua e da fala. Assim sendo, o discurso vai além de uma mera transmissão de informação (mensagem) e vai além da dicotomia simples do sistema socialmente compartilhado (língua) e da realização individual da língua (fala). “O discurso constitui-se de uma prática, não apenas de representação do mundo, mas, sobretudo, de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. Forma disso é o duelo dialético da linguagem.”¹³³

Entendemos como necessário fazer-se a distinção entre texto e discurso, conforme faz Fiorin¹³⁴, apesar de muitos linguistas enxergarem esses dois termos como sinônimos. “Tanto o texto quanto o discurso são, para a AD, uma unidade inteira de sentido cuja organicidade é seu aspecto fundamental. No entanto, enquanto o texto é da ordem da manifestação, o discurso é da imanência.”¹³⁵

[...] O texto é a manifestação de um discurso. Assim, o texto pressupõe logicamente o discurso, que é, por implicação, anterior a ele. Aqui começa a delinear-se a importância de distinguir-se discurso e texto, pois o mesmo discurso pode concretizar-se em textos muitos diversos... O discurso e o texto são produtos da enunciação. No entanto, eles diferem quanto ao modo de existência semiótica. Aquele é a atualização das virtualidades da língua e do universo discursivo, isto é, torna as unidades *in*

¹³⁰ BRANDÃO, 2012, p. 11.

¹³¹ GONDIM; FISCHER, 2009, p. 13.

¹³² ORLANDI, 2005, p. 21.

¹³³ BRASIL, 2011, p. 175.

¹³⁴ FIORIN, 2012, p. 146.

¹³⁵ TERRA, 2018, p. 1095.

absentia unidades *in praesentia*. O texto é a realização do discurso por meio da manifestação.¹³⁶

O texto é, portanto, uma ação linguística que tem objetivo de comunicar e é dotada de sentido, podendo ser uma imagem, charge, quadro, poema, jornal, vídeo, etc. O discurso é o produto apresentado a partir de um texto qualquer, possuindo contexto, finalidade e interlocutores.¹³⁷ Observamos a charge abaixo onde é possível identificar a presença destes dois elementos distintos, texto e discurso.

Figura 3 – Morte dos valores¹³⁸



Na charge acima o autor utiliza-se da imagem (texto) para manifestar seu discurso, através do qual faz uma crítica à morte de valores fundamentais para a vida em sociedade, o que revela sua ideologia. Destacamos aqui outro importante conceito que é o de ideologia, que juntamente com o conceito de discurso formam a base nuclear do quadro teórico da AD. As

¹³⁶ FIORIN, 2012, p. 148.

¹³⁷ Apesar da AD mais difundida se basear em textos escritos, tais como, documentos, cartas, entrevistas, artigos de jornais, etc., esta não se aplica unicamente à linguagem escrita, mas a qualquer padrão de significado, seja ele visual ou espacial, e, portanto, pode referir-se a textos visuais, tais como a televisão, o cinema, a banda desenhada, etc. Pode ainda referir-se a textos físicos, nomeadamente cidades, jardins ou mesmo corpos. NOGUEIRA, C. Análise (s) do discurso: diferentes concepções na prática de pesquisa em psicologia social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 235-242, jun. 2008. p. 236.

¹³⁸ RAMALHO, Diogo, *Blog Humor Político*. Disponível em: <<https://www.humorpolitico.com.br/tag/cemiterio/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

duas grandes vertentes que vão influenciar a corrente francesa de AD são, do lado da ideologia, os conceitos de Althusser¹³⁹ e, do lado do discurso, as ideias de Foucault¹⁴⁰.

Conforme Fernandes, há então cinco conceitos centrais na análise de discurso (AD), a saber: sujeito discursivo, enunciação, sentido, condições de produção e ideologia.¹⁴¹

Quanto ao primeiro conceito, sujeito discursivo, na ótica da AD, a noção de sujeito não tem mais uma noção idealista, pois o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente interpelado pela ideologia. Dessa forma, o sujeito não é a origem, a fonte absoluta do sentido, porque na sua fala outras falas se dizem.¹⁴² Assim sendo, o sujeito discursivo é portador de várias vozes sociais (polifonia)¹⁴³ que dialogam (dialogismo)¹⁴⁴ com o sujeito enunciador. Orlandi afirma que “ao inscrever-se na língua o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, daí resultando uma forma sujeito-histórica.”¹⁴⁵ O sujeito discursivo submetido à língua, está determinado a dar sentido e significar-se em sua experiência de mundo. O sujeito do discurso está assim definido no *Dicionário de Análise do Discurso*:

O sujeito do discurso é uma noção necessária para precisar o estatuto, o lugar e a posição do sujeito falante (ou do locutor) com relação a sua atividade linguageira. Ela leva a considerar as relações que o sujeito mantém com os dados da situação de comunicação na qual ele se encontra, os procedimentos de discursivização, assim como os saberes, opiniões e crenças que possui e que supõe serem compartilhados pelo seu interlocutor.¹⁴⁶

¹³⁹ ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3 ed. Lisboa: Presença, 1980.

¹⁴⁰ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 19 ed. São Paulo: Loyola, 2009.

¹⁴¹ FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 28.

¹⁴² BRANDÃO, 2012, p. 110.

¹⁴³ Termo emprestado da música, que alude ao fato de que os textos veiculam, na maior parte dos casos, muitos pontos de vista diferentes: o autor pode fazer falar várias vozes ao longo do seu texto. Conceito elaborado inicialmente por Bakhtin que o aplicou à literatura, foi retomado por Ducrot que lhe deu um tratamento linguístico. Os trabalhos de Bakhtin a respeito da polifonia da década de 1920 foram descobertos e largamente utilizados por linguistas a partir da década de 1980.

¹⁴⁴ Em Bakhtin, a questão do interdiscurso aparece sob o nome de dialogismo. Para ele o dialogismo é sempre entre discursos. O interlocutor só existe enquanto discurso. Há, pois, um embate de dois discursos: o do locutor e o do interlocutor, o que significa que o dialogismo se dá sempre entre discursos.

¹⁴⁵ ORLANDI, E. P. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos e confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 11.

¹⁴⁶ CHARAUDEU; MAINGUENEAU, 2004, p. 457.

O conceito de sujeito nos ajuda na análise de textos e na compreensão dos sentidos em um discurso. A noção de sujeito na AD forjado pela Psicologia, pela História e pela Linguagem constitui um elemento fundamental para o êxito do trabalho do analista. Sua constituição se dá através da interação social a partir dos mais diversos segmentos da sociedade.

O segundo conceito central na AD é o da enunciação. Para Foucault¹⁴⁷ o discurso é um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva.¹⁴⁸ Para Terra, “A AD pode ser identificada, a partir da taxonomia apresentada até aqui, como ciência do enunciado cujo objeto é o ato da língua tornar-se linguagem, ou seguindo Saussure, da *langue* para *parole*.”¹⁴⁹ De maneira geral, os enunciados podem ser considerados como sendo acontecimentos discursivos, isto é, são as unidades de comunicação/interação entre os sujeitos. A enunciação é o ato da produção do discurso, é o dito, o ato de dizer.

Fiorin, a partir das ideias de Bakhtin afirma que todo enunciado tem caráter fundamentalmente dialógico, ou seja, os enunciados geram efeitos de sentido que só podem ser analisados no contexto de enunciação e estão sempre relacionados a outros enunciados anteriores e àqueles que ainda estão por vir.¹⁵⁰

O enunciador se distingue tanto do locutor quanto do sujeito falante. É a figura da enunciação que representa a pessoa de cujo ponto de vista os acontecimentos são apresentados. Corresponde ao ‘centro de perspectiva’ de Genette ou ao ‘sujeito consciência’ dos autores americanos. Se o locutor é aquele que fala, que conta, o enunciador é aquele que vê, é o lugar de onde se olha sem que lhe sejam atribuídas palavras precisas.¹⁵¹

Destacamos o fato de que os estudos da enunciação tomam o enunciado como objeto de análise. No campo da AD, a enunciação assume um caráter central, vista como um fato que acontece sempre dentro de um contexto e absorvido na diversidade das dinâmicas sociais. O enunciado seria uma sequência de frases emitidas, constituindo um texto, e que sob análise das condições de produção do mesmo, nos permite considerar o seu discurso e analisá-lo.¹⁵²

¹⁴⁷ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 36.

¹⁴⁸ Definida como “o que pode e deve ser dito por um sujeito”, esse conceito possibilita o fato de que sujeitos falantes, tomados em uma conjuntura histórica determinada, possam concordar ou se afrontar sobre o sentido a dar à palavras. BRANDÃO, 2012, p. 77.

¹⁴⁹ TERRA, 2018, p. 1097.

¹⁵⁰ FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-193.

¹⁵¹ BRANDÃO, 2012, p. 73.

¹⁵² CHARAUDEUAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 193-197.

Sentido, é o terceiro conceito central da AD. Para a análise do discurso, não existe um sentido, a priori, mas um sentido que é construído, produzido no processo de interlocução, por isso deve ser referido às condições de produção (contexto histórico-social, interlocutores...).¹⁵³ Trata-se do efeito de sentido entre sujeitos em enunciação. Analisar um discurso é interpretar, buscar compreender, o sentido de um texto como efeito de um processo e não o sentido no texto ou o sentido do texto, pois o sentido não está no texto. O texto não “carrega” sentido. “O sentido é uma relação determinada do sujeito com a história e é o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua [e com a história] na produção dos sentidos.”¹⁵⁴

O quarto conceito é o de condições de produção e eles constituem a instância verbal de produção do discurso: contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam e a imagem que fazem de si, do outro e do referente.¹⁵⁵ “São os aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam a produção do discurso.”¹⁵⁶ Orlandi as definem assim: “o que são, pois, as condições de produção? Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso.”¹⁵⁷

O quinto conceito central da AD é o de Ideologia. Segundo Althusser, a ideologia é a representação imaginária que interpela os sujeitos a tomarem um determinado lugar na sociedade, mas que cria a “ilusão” de liberdade do sujeito.¹⁵⁸ A reprodução da ideologia é assegurada por “aparelhos ideológicos” (religioso, político, escolar etc.) em cujo interior as classes sociais se organizam em formações ideológicas (“conjunto complexo de atitudes e representações”).¹⁵⁹ Todo discurso tem, portanto, uma posição ideológica que se manifesta através do texto.

Assim como, parafraseando a Psicanálise, se pode considerar que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, na Análise de Discurso, consideramos que a ideologia se materializa na linguagem. Ela faz parte do funcionamento da linguagem. É assim que a Análise de Discurso permite compreender a ideologia – e o seu funcionamento imaginário e materialmente articulado ao inconsciente – pelo fato mesmo de pensá-la fazendo intervir a noção de discurso. Se pensamos a ideologia a partir da linguagem, e não sociologicamente, podemos compreendê-la de maneira diferente. Não a

¹⁵³ BRANDÃO, 2012, p. 110.

¹⁵⁴ FERNANDES, 2008, p. 19.

¹⁵⁵ BRANDÃO, 2012, p. 105.

¹⁵⁶ FERNANDES, 2008, p. 29.

¹⁵⁷ ORLANDI, 2005, p. 30.

¹⁵⁸ ALTHUSSER, 1980, p. 77.

¹⁵⁹ BRANDÃO, 2012, p. 23.

tratamos como visão de mundo, nem como ocultamento da realidade, mas como mecanismo estruturante do processo de significação.¹⁶⁰

A ideologia é, portanto, uma concepção de mundo de certo grupo social em um dado momento histórico. Para a AD, linguagem e ideologia estão vinculadas. A ideologia se manifesta no discurso. A primeira ação de Althusser é separar dois tipos de ideologia: a Ideologia, com I maiúsculo, e as ideologias.¹⁶¹ A primeira, é a ideologia em geral, já a segunda é o conjunto de ideologias particulares. As ideologias particulares (religiosa, moral, política) exprimem, em sua particularidade, posições de classe. A Ideologia em geral é definida pelo contrário: não há posição relativa, ela não pode ser definida através das modificações, nascimentos e destruição que as ideologias particulares tiveram ao longo da história, ela é definida a partir de um funcionamento que está presente em todos os momentos, a ideologia não tem história.¹⁶²

2.2 Considerações sobre o interdiscurso

Nesta pesquisa, a partir da interação entre os diferentes planos dos discursos, buscamos examinar como se dá o espaço de trocas que antecede a gênese do discurso da IEAB em Feira de Santana. Partimos do pressuposto de que o interdiscurso precede o discurso.¹⁶³ Aqui, faremos observações sobre o conceito do “interdiscurso”, considerando que ao fazer uso da linguagem, os indivíduos irão organizar seu discurso sempre por meio do “outro”, que o antecede. A partir desse lugar teórico, compreendemos que a linguagem possui como marca de estruturação a utilização de diversos discursos que são gerados, historicamente, nos mais diversos grupos sociais. Os discursos são, portanto, marcados pela presença de outras formas interdiscursivas, das quais ele irá surgir. Assim, o conhecimento de tais interdiscursos é uma condição para que os sentidos sejam processados textualmente.

¹⁶⁰ ORLANDI, 2005, p. 96.

¹⁶¹ ALTHUSSER, 1980, p. 71.

¹⁶² ALTHUSSER, 1980, p. 72.

¹⁶³ MAINGUENEU, 2005, p. 21.

2.2.1 *O primado do interdiscurso*

Maingueneau fala do primado do interdiscurso afirmando que ele “inscreve-se nessa perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva, que amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro”.¹⁶⁴ Ou seja, todo discurso é, em sua origem, atravessado por uma relação dialógica com outro(s) discurso(s). Esse é um dos pontos principais da Análise do Discurso francesa:

A análise do discurso francófono fez frequentemente do primado do interdiscurso sobre o discurso uma de suas teses principais. Na Escola Francesa, especialmente em Pêcheux, a formação discursiva não pode produzir o ‘assujeitamento’ ideológico do sujeito do discurso a não ser na medida em que cada formação discursiva está de fato dominada pelo interdiscurso – o conjunto estruturado das formações discursivas – em que se constituem os objetos e as relações entre esses objetos que o sujeito assume no fio do discurso.¹⁶⁵

O primado do interdiscurso é a relação precedente que une dois conceitos ou discursos e, portanto, significa a impossibilidade de se opor formações discursivas que sejam independentes umas das outras. A identidade do discurso está ligada, inseparavelmente ao seu precedente e a sua própria manutenção depende do interdiscurso.

O interdiscurso pode ser definido como “o conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso particular entra em relação”¹⁶⁶ configurando-se como o lugar da gênese de todo e qualquer discurso. O conceito de interdiscurso, com suas múltiplas implicações, é debatido por muitos teóricos. Segundo Santos, “o interdiscurso é o objeto de estudo que predomina nas concepções teóricas atuais da AD.”¹⁶⁷ Apresentamos a seguir três definições distintas de interdiscurso:

Para Charaudeau e Maingueneau, “o interdiscurso é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos) que mantém relações de delimitação recíproca uns com os outros.”¹⁶⁸ Para Fiorin, “a interdiscursividade é o

¹⁶⁴ MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Paraná: Criar, 2005, p. 33.

¹⁶⁵ CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 287.

¹⁶⁶ MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 86.

¹⁶⁷ SANTOS, Elaine F. dos. *O discurso das diferenças: análise do interdiscurso, do ethos e da cenografia em “A cidade a infância” de José Luandino Vieira*. Doutorado em Língua Portuguesa. São Paulo: PUC, 2014, p. 58.

¹⁶⁸ CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 286.

processo em que se incorporam percursos temáticos e/ou percursos figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outro. São dois os processos interdiscursivos: a citação e a alusão.”¹⁶⁹ Para Blikstein, “de início não é demais lembrar que o discurso, seja qual for, nunca é totalmente autônomo. Suportado por toda uma intertextualidade, o discurso não é falado por uma voz, mas por muitas vozes, geradoras de muitos textos que se inter cruzam no tempo e no espaço.”¹⁷⁰

No campo da Análise do Discurso, o interdiscurso é, pois, um conceito bastante presente e relevante, empregado às vezes com acepções diferentes, ora mais abrangentes, ora mais restritivas. Possenti destaca, inclusive, a existência de muitas nomenclaturas para se referir ao interdiscurso: polifonia, dialogismo, heterogeneidade, intertextualidade, são alguns dos exemplos de palavras que são tomadas como sinônimos ou que lhe são afins.¹⁷¹

2.2.2 *Interdiscursividade X intertextualidade*

Dentre os termos que aparecem ligados ao conceito de interdiscurso, precisamos destacar a intertextualidade, marcando aqui a diferença que há entre este conceito e aquele, como faz Fiorin. Enquanto a intertextualidade não se constitui num aspecto necessário para a formatação de um texto, a interdiscursividade é, ao contrário, indispensável no processo de construção de um discurso. Compreendemos que “a interdiscursividade não implica a intertextualidade, embora o contrário seja verdadeiro, pois, ao se referir a um texto, o enunciado se refere, também, ao discurso que ele manifesta”.¹⁷²

Há claramente uma distinção entre as reações dialógicas entre enunciados e aquelas que se dão entre textos. Por isso chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva. O termo intertextualidade fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. Isso significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas

¹⁶⁹ FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. In BARROS, D. L. P. e FIORIN, J. L. (Orgs). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. S. Paulo, Edusp, p. 29-36, 1994, p. 32.

¹⁷⁰ BLIKSTEIN, Izidoro. Intertextualidade e polifonia: o discurso do plano Brasil Novo. In: BARROS, D. L. P. e FIORIN, J. L. (Orgs). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. S. Paulo, Edusp, 1994, p. 45.

¹⁷¹ POSSENTI, Sírio. Observações sobre o interdiscurso. Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR, p. 140-148, 2003, p. 140. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/POSSENTI%20-%20Observa%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20o%20Interdiscurso.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

¹⁷² FIORIN, 1994, p. 35

que o contrário não é verdadeiro. No entanto, é preciso verificar que nem todas as relações dialógicas mostradas no texto devem ser consideradas intratextuais.¹⁷³

Da mesma forma que tratamos como estruturas diferentes, o discurso e o texto, se faz necessário também distinguirmos os termos interdiscursividade e intertextualidade. “Tanto um fenômeno quanto o outro dizem respeito à presença de duas vozes num mesmo segmento discursivo ou textual.”¹⁷⁴ Kenner Terra nos esclarece que:

Na interdiscursividade, discursos (que seriam os enunciados em Bakhtin) estão em diálogo com outros discursos – entre perspectivas em termos de conteúdo e compreensão de mundo –, o que revela tensão e diálogo entre possíveis lugares de compreensão da realidade. Por sua vez, a intertextualidade – em epígrafe, citação, referência, paráfrase, paródia, pastiche e outros tipos de interação – refere-se à relação entre textos/manifestações linguísticas.¹⁷⁵

A intertextualidade e a interdiscursividade são processos, portanto, intrinsecamente ligados ao conceito de dialogismo e constituem-se como elementos de grande importância na apreensão dos sentidos textuais. Estes dois conceitos são importantes para a análise da gênese do discurso pentecostal da IEAB e para o entendimento de como este discurso articula-se com a ICP.

2.3 O discurso religioso

Os estudos sobre religião e especificamente, sobre o discurso religioso, tem despertado o interesse de vários campos do saber. Para a Análise do Discurso constitui-se numa área de ricas oportunidades para reflexão, dado ao fenômeno do pluralismo religioso presente no Brasil. Maingueneau lamenta que o discurso religioso ainda não tenha despertado o interesse que merece no campo da AD: “Em primeiro lugar, pode-se lamentar que o discurso religioso continue a ser o parente pobre da análise do discurso, ao mesmo tempo que o fato religioso está particularmente presente no mundo contemporâneo”¹⁷⁶.

Apesar das teses sociológicas da secularização, é notória a expansão da religiosidade em solo brasileiro. Até a primeira metade do século XX, sociólogos da religião argumentavam

¹⁷³ FIORIN, 2006, p. 181.

¹⁷⁴ FIORIN, 1994, p. 30.

¹⁷⁵ TERRA, 2018, p. 1096.

¹⁷⁶ MAINGUENEAU, 2005, p. 12.

fortemente sobre o processo de secularização como fato dado e irreversível. Contudo, a despeito de tais teses o mundo continua massivamente religioso.¹⁷⁷ Falando da influência do discurso religioso na cultura ocidental, Orlandi afirma que:

Dessa perspectiva é interessante notar que, uma vez detectado esse caráter religioso atuando em diferentes processos de significação, podemos perceber que os vários discursos da cultura ocidental são atravessados pelo discurso religioso: o pedagógico, o jurídico, o acadêmico, o das minorias, o das 'alternativas' etc.¹⁷⁸

Cumpramos lembrar que é crescente a influência do discurso religioso no Brasil, até mesmo nas principais decisões do parlamento federal, haja vista a atuação da chamada bancada evangélica. O crescimento numérico de fiéis cristãos, principalmente evangélicos, estimulou o ingresso de cristãos nas eleições e na carreira política brasileira e tem se tornado cada vez mais expressivo. Ainda dentro do campo religioso evangélico, o discurso neopentecostal é o que tem mais sobressaído e chegado às massas, devido à larga utilização da mídia, sobretudo rádio e televisão, algumas igrejas ocupando o horário nobre das principais emissoras abertas, ou mesmo com seus próprios canais de TV. O nosso objetivo aqui é entender de que forma o discurso religioso se constitui e qual suas marcas principais que nos ajudam a entender esse fenômeno. Dentre as características do discurso religioso mais importantes para este trabalho, destacaremos a ilusão da reversibilidade, a assimetria e a intertextualidade.

¹⁷⁷ ZEPEDA, José de J. L. Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 73, p. 129-142, jun. 2010. p. 129.

¹⁷⁸ ORLANDI, Eni. P. (Org.). *Palavra, fé, poder*. Campinas, SP: Pontes, 1987. p. 9.

2.3.1 *O que é o discurso religioso*

Em se tratando de discurso religioso compreendemos que é aquele que faz ouvir a voz de Deus ou de seus enviados (profeta, pastor, padre), e essa é a principal característica desse discurso.¹⁷⁹ Os discursos religiosos se mostram com estruturas rígidas quanto aos papéis dos interlocutores (a divindade e os seres humanos).

Como o foco da nossa pesquisa é a análise do discurso da IEAB, convém considerarmos a distinção entre discurso religioso e discurso teológico, salientando que as reflexões que fazemos estão mais no domínio do teológico. Orlandi aponta as diferenças básicas entre eles:

Isso se considerarmos o teológico como o discurso em que a mediação entre a alma religiosa e o sagrado se faz por uma sistematização dogmática de verdades religiosas, e onde o teólogo, ele mesmo, aparece como aquele que faz a relação entre dois mundos: o mundo hebraico e o mundo cristão. Em oposição a este, o discurso religioso seria aquele em que há uma relação espontânea com o sagrado. Em geral, distingue-se o discurso teológico do religioso por ser aquele mais formal e este mais informal.¹⁸⁰

Utilizaremos, portanto, o discurso mais formal da IEAB a partir dos seus documentos oficiais, jornal, livros, revistas, manuais, etc., a fim de absorver o pensamento oficial da denominação e efetuar a análise necessária, em detrimento do discurso religioso que, segundo Orlandi, emerge da experiência religiosa e subjetiva de cada fiel.

2.3.2 *Principais marcas do discurso religioso*

Orlandi faz uma classificação dos discursos a partir do seu modo de funcionamento e os distingue em três tipos básicos: o lúdico, polêmico e o autoritário. O critério adotado pela autora como referência para essa classificação foi a noção de reversibilidade e os “elementos constitutivos de suas condições de produção e sua relação com o modo de produção de sentidos, com seus efeitos.”¹⁸¹ É interessante compreender a diferença entre eles:

a) discurso autoritário; aquele em que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor;

¹⁷⁹ ORLANDI, 2005, p. 242.

¹⁸⁰ ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas, SP: Pontes, 1996. p. 246.

¹⁸¹ ORLANDI, 2005, p. 86.

- b) discurso polêmico: aquele em que a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos;
- c) discurso lúdico: aquele em que a polissemia está aberta, o referente está presente como tal, sendo que os interlocutores se expõem aos efeitos dessa presença inteiramente não regulando sua relação com os sentidos.¹⁸²

A noção de reversibilidade, portanto, constitui-se num dos parâmetros para a distinção entre os tipos de discurso, e ela é compreendida como “a troca de papéis na interação que constitui o discurso e o discurso constitui.”¹⁸³ A partir da ideia da reversibilidade compreende-se que não há posição fixa e rígida do lugar do locutor e do seu ouvinte e vice-versa. No entanto, embora a reversibilidade esteja presente em todos os discursos gerando como consequência o fenômeno da polissemia, no discurso autoritário, não há uma reversibilidade de fato, mas uma ilusão de reversibilidade, pois nele não há espaços para uma interação comunicativa.¹⁸⁴

O discurso religioso se insere na categoria dos discursos autoritários, tendo assim uma tendência para a ilusão da reversibilidade e para monossemia, não se devendo, no entanto, conforme Orlandi, tomar o termo “autoritário” de forma pejorativa como “um traço do caráter do locutor, uma questão moralista, mas uma questão do fato simbólico (a injunção à paráfrase).”¹⁸⁵ Podemos melhor explicitar da seguinte forma a ilusão da reversibilidade:

Partindo, então, da caracterização do discurso religioso como aquele em que fala a voz de Deus, começaria por dizer que, no discurso religioso, há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens). Isto é, locutor e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal. O locutor é Deus, logo de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros, falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens.¹⁸⁶

Nos parece haver uma aproximação entre as características apresentadas por Orlandi para o discurso autoritário e o que Maingueneau chama de discurso constituinte ou discurso autofundado. Maingueneau afirma que “esta noção de ‘discurso constituinte’ se me impôs progressivamente como consequência de pesquisas que realizei sobre diversos corpus, em

¹⁸² ORLANDI, 2005, p. 86.

¹⁸³ ORLANDI, 1996, p. 239.

¹⁸⁴ TORRESAN, J. L. Manipulação do discurso religioso. *Dialogia*, São Paulo, v. 6, p. 95-105, 2007. Disponível em: <<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/dialogia/article/view/1109>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

¹⁸⁵ ORLANDI, 2005, p. 87.

¹⁸⁶ ORLANDI, 1996, p. 242.

particular, sobre os discursos religioso, científico, filosófico e literário.”¹⁸⁷ Ao agrupar tais discursos em uma mesma classificação, o autor visualizou algumas propriedades comuns entre eles. Segundo o autor “os discursos constituintes possuem, com efeito, um estatuto singular: zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras.”¹⁸⁸

Para tornar as coisas um pouco mais claras, pode-se partir de uma observação banal: quando há um debate sobre um problema social, solicita-se a opinião de sujeitos que falam em nome da religião, da ciência, da filosofia... Tem-se, com efeito, a impressão de que os discursos dos quais eles são porta-vozes são, de alguma forma, discursos últimos, para além dos quais não há senão o indizível, de que eles se confrontam com o Absoluto. Como esses discursos são aqueles que dão sentido aos atos da coletividade, e que são a garantia de múltiplos outros, o jornalista às voltas com um ‘debate sobre um problema social’ recorrerá muito naturalmente à autoridade desses sujeitos. Mas o inverso não acontece.¹⁸⁹

O discurso religioso está inserido, portanto, na categoria dos discursos autoritários segundo Orlandi ou nos discursos constituintes, segundo Maingueneau, uma vez que o discurso religioso é caracterizado, como “uma voz que se fala na outra da qual é representante”.¹⁹⁰ A voz de Deus se fala no padre, no pastor, no pajé e não há sobre ela contestação pois quem fala é Deus. Não havendo, portanto, outro discurso acima dele, nem reconhecimento de outra autoridade acima de Deus. Orlandi, entretanto, destaca que “há regras estritas no procedimento com que o representante se apropria da voz de Deus: ‘a relação do representante com a voz é regulada pelo texto sagrado, pela Igreja, pelas cerimônias’.”¹⁹¹ “Do ponto de vista da Análise do Discurso, pode-se dizer que Deus é o lugar da onipotência do silêncio. E o homem precisa desse lugar para colocar (instituir) uma fala sua específica.”¹⁹²

Conforme Figueiredo e Rodrigues, a autoridade do discurso evangélico é ainda mais ampliada pelo fato do seu argumento está embasado na Bíblia Sagrada, considerada inerrante e irrefutável:

Um exemplo desta realidade é que o palestrante em estudo usa, em muitos momentos, a Bíblia como fonte de argumentação. Ou seja, para a maioria dos evangélicos que o ouve, ele está fazendo uso de argumentos irrefutáveis, pois faz parte da crença desse

¹⁸⁷ MAINGUENEAU, 2000, p. 6.

¹⁸⁸ MAINGUENEAU, 2000, p. 6.

¹⁸⁹ MAINGUENEAU, 2000, p. 6.

¹⁹⁰ ORLANDI, 1996, p. 244.

¹⁹¹ ORLANDI, 1996, p. 245.

¹⁹² ORLANDI, 1987, p. 8.

grupo adotar a Bíblia como palavra incontestável. Assim, em função de um contexto histórico-social, um argumento toma dimensões diferentes.¹⁹³

O discurso religioso apresenta, então, um forte grau de autoritarismo e conseqüentemente oferece pouca autonomia para o destinatário. Fiorin ressalta que uma característica importante no discurso religioso é que o enunciador primeiro está sempre correlativamente ligado ao papel narrativo de destinador. E o enunciador, sendo Deus, onipotente e onipresente, apresenta ao ouvinte apenas a modalidade do saber e do dever. Fiorin, analisa assim o discurso religioso:

Comecemos por analisar o discurso religioso. Ele apresenta ao homem, fundamentalmente, um programa de ação. O discurso religioso opera sobre a dimensão cognitiva, exercendo um fazer persuasivo, que propõe ao homem (destinatário) a execução de um fazer, ou seja, propõe um dever-fazer. É o discurso do fazer-dever fazer. Instaura, então, um sistema de modalidades deônticas que expressam os termos contrários dever-fazer (prescrição) e dever-não-fazer (interdição). Por outro lado, o discurso comunica um saber sobre o destinador (a divindade). Mostra que sua competência é totalizadora (onipotente e onisciente). A sua vontade (querer-fazer) não está submetida à de nenhum outro mandante, em relação ao qual ele é o executante.¹⁹⁴

Torresan enxerga nesse autoritarismo e na forte persuasão do discurso religioso, as causas para várias formas de manipulação.¹⁹⁵ Os representantes de instituições religiosas falam em nome de Deus, cuja vontade não está submetida a nenhuma outra autoridade e determinam o conhecimento que é verdadeiro e as ações que são necessárias, muitas vezes, submetendo os vulneráveis fiéis à uma total subserviência.

Em *Palavra, Fé e Poder*, Orlandi apresenta várias análises do discurso religioso e realiza uma abordagem crítica das formas pelas quais ele se manifesta, exercendo poder e influência sobre os indivíduos. A autora parte do princípio que, a religião tem um sentido; de que o discurso religioso também tem um sentido e para a realização da sua análise é necessária a consideração dos aspectos histórico, social, teórico e político do discurso religioso. Ela aborda também o caráter de submissão dos indivíduos frente ao discurso religioso, sobretudo nas religiões ocidentais:

¹⁹³ RODRIGUES, E. M. L.; FIGUEIREDO, M. F. O discurso religioso e a tríplice influência: argumentação, texto e prosódia psicanalista. *Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras*, Franca, SP, v. 4, n. 4, p. 213-242, jan./dez. 2008. p. 218.

¹⁹⁴ FIORIN, J. L. *O Regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988. p. 138.

¹⁹⁵ TORRESAN, 2007, p. 97.

Nas religiões ocidentais, esse sujeito-religioso se marca pela submissão, isto é, ele se constitui como aquele que é falado por Deus. O discurso divino – eterno, já-sempre-lá – se realiza no sujeito pela sua total adesão. Ele reflete em si a palavra divina no sentido do espelho, da repetição. Ele não reflete sobre, nem sequer pode tomar distância. Como, na ordem do discurso religioso, o sujeito se marca pela submissão, isso propicia múltiplas espécies de manipulação. Mesmo porque podemos ver a religião como forma de controlar a agressividade desconhecida. E, nesse caso, converter é ‘pacificar’.¹⁹⁶

As marcas do discurso religioso, obviamente, variam conforme o sistema religioso analisado, não sendo possível uma uniformização.¹⁹⁷ Mas, levando-se em conta o objetivo dessa pesquisa, onde o discurso religioso pentecostal é o foco, uma religião monoteísta, podemos então afirmar que o discurso religioso é aquele em que fala a voz de Deus (emissor/enunciador) e sua principal característica é a autoridade. O discurso religioso é um discurso de autoridade, sendo o papel dos indivíduos (receptores) ocupar o lugar da submissão às forças que lhe são superiores.

2.4 Síntese e próximas considerações

Neste capítulo, refletimos sobre a fundamentação histórico-teórica da Análise do Discurso francesa, referencial a partir do qual desenvolvemos esta pesquisa. Buscamos aqui destacar os conceitos principais da AD, palavras-chave para a análise que desenvolvemos neste trabalho. Analisamos, brevemente, o discurso religioso e suas principais características. No capítulo seguinte necessitamos fazer uma análise específica sobre o discurso pentecostal da IEAB em Feira de Santana a partir do seu contato com as ideias da Igreja com Propósitos. Esta reflexão será fundamental, pois será a partir dela que pensamos em encontrar as respostas para as hipóteses levantadas a partir do problema de pesquisa proposto.

¹⁹⁶ ORLANDI, 1987, p. 15.

¹⁹⁷ TERRA, 2018, p. 1100.

3 A IEAB EM FEIRA DE SANTANA, UMA IGREJA COM PROPÓSITOS

Neste terceiro e último capítulo, apresentamos as reflexões em torno do problema central desta pesquisa que é compreender como a estratégia de crescimento ICP articula-se no discurso da IEAB. Para atingir esse objetivo, discorreremos sobre a origem histórica da ICP e destacamos as características principais de uma igreja que baseia sua prática a partir desses princípios. Em seguida, abordamos a inserção dos propósitos na IEAB em Feira de Santana e refletimos sobre o seu ethos. Por fim, fazemos uma análise do discurso da IEAB a partir de documentos oficiais como jornal, livros e atas, discutindo em seguida como esse discurso é ressignificado com a influência da ICP.

3.1 A origem e as características da Igreja com Propósitos

Rick Warren, fundador e pastor titular da Igreja Saddleback no sul da Califórnia nos EUA, apresentou os fundamentos da sua estratégia de crescimento de igreja ao publicar o livro *Uma Igreja com Propósitos* no ano de 1995, traduzido e lançado no Brasil três anos depois.¹⁹⁸ A Igreja Saddleback foi formada em 1979 a partir de uma decisão do Pr. Rick Warren de iniciar uma nova igreja sem, necessariamente, atrair cristãos de outras denominações, concentrando as atenções e os esforços para a conquista de não-cristãos.¹⁹⁹ Sua primeira iniciativa foi fazer uma pesquisa de campo entre os moradores, sem-igreja, da área escolhida para edificação da nova igreja, a fim de descobrir o que atraía e o que afastava as pessoas dos templos.

Constatamos que estudos de marketing, planejamento estratégico e recursos mercadológicos fizeram parte da dinâmica da Igreja desde o seu início, tornando-se suas marcas características e também fonte de polêmicas e críticas. Esse sucesso ministerial fez de Rick Warren e sua literatura, os modelos referenciais para crescimento de igreja, para muitos pastores e igrejas brasileiras. Na obra *Uma Igreja com Propósitos*, Warren apresenta, em sua perspectiva, o que seriam os fundamentos básicos de uma igreja que cumpre os desígnios divinos e por isso cresce. Ele declara que a referência de suas ideias são os textos bíblicos do Grande mandamento e da Grande Comissão.²⁰⁰ A influência dos ideais da ICP tem sido bastante

¹⁹⁸ WARREN, R. *Uma Igreja com Propósitos*. 2ª ed. São Paulo: Vida, 2008.

¹⁹⁹ WARREN, 2008, p. 37.

²⁰⁰ WARREN, 2008, p. 91.

significativa no evangelicalismo brasileiro, com um grande número de igrejas e denominações que hoje se declaram dirigidas por propósitos. A Primeira Igreja Batista de São José dos Campos no estado de São Paulo, através do seu pastor titular Carlito Paes, tornou-se a principal representante nacional dos ideais da ICP e a responsável pela divulgação dos seus materiais e realização de treinamentos.²⁰¹

Segundo Warren, “toda igreja é dirigida ou motivada por alguma coisa.”²⁰² tradições, personalidades, finanças, programas, construções, eventos, visitantes, etc., porém, conforme sua visão, as igrejas deveriam orientar seu trabalho a partir de propósitos ou paradigmas bíblicos ao invés de ser dirigidas por outras forças. Ele apresenta, então, a ICP como uma alternativa de igreja saudável, firmada em cinco propósitos que, em sua concepção, devem constituir a prioridade do trabalho da Igreja na Terra: evangelismo, adoração, comunhão, discipulado e serviço. Para ele, cada líder deve traçar estratégias a fim de atrair multidões como Jesus atraía e a igreja dirigida por propósitos é a melhor forma de conseguir o crescimento quantitativo e também qualitativo.

Uma igreja dirigida por propósitos, seria, portanto, aquela comunidade que define, comunica, organiza e aplica os seus propósitos, orientando toda a sua prática a partir deles. Segundo Warren, essa igreja prega e ensina com base nos propósitos, prepara calendário e programas com base nos propósitos, forma equipes em torno dos propósitos, conquista novos membros com base nos propósitos e até elabora o seu orçamento em torno dos propósitos.²⁰³ Refutando o que ele chama de mitos sobre crescimento de igreja, Warren afirma que o papel da liderança é estabelecer os alicerces para uma igreja saudável, pois todo ser vivo que tem saúde, cresce. Obviamente, para ele, uma igreja saudável é uma igreja com propósitos definidos.²⁰⁴

O crescimento numérico da igreja é o foco principal da ICP. Toda a metodologia é apresentada a partir dos resultados que produz. Warren declara que não se trata de uma teoria que ainda não foi testada, mas sim um paradigma que garante crescimento:

Isto não é uma teoria vinda de uma “torre de marfim”. Ela foi testada numa igreja real e produziu uma das maiores e de maior crescimento da história americana. Também produziu resultados animadores em milhares de outras igrejas na América, na

²⁰¹ PAES, Carlito. *Igreja Brasileira com propósitos*. São Paulo: Vida, 2012, p. 32.

²⁰² WARREN, 2008, p. 70.

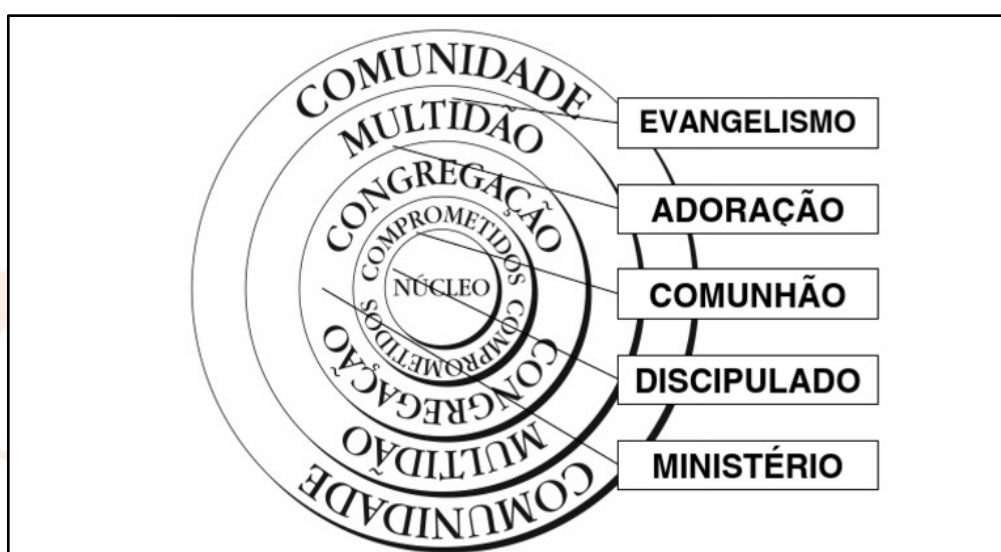
²⁰³ WARREN, 2008, p. 123-136.

²⁰⁴ WARREN, 2008, p. 73.

Austrália, na Europa e na Ásia. Sua igreja, seja qual for o tamanho ou a localização, será mais saudável, forte e eficaz se orientada por propósitos.²⁰⁵

Além de ter uma declaração clara de propósitos, outra característica importante da ICP, é a estrita definição dos seus grupos-alvos de evangelização. Conforme a imagem abaixo, existem pelo menos cinco classes de pessoas que tem contato com a igreja e esta, intencionalmente, deve estabelecer estratégias a fim de aprofundar o compromisso de cada uma delas, a saber:

Figura 4: Círculos de compromisso da ICP²⁰⁶



- A **comunidade** é o grupo formado pelos sem-igreja e que representam o campo missionário. São as pessoas que não fazem parte da igreja ou que tem uma frequência rara ou ocasional. O propósito ligado a esse grupo é o do evangelismo.
- A **multidão** é o grupo formado pelos frequentadores assíduos que, porém, ainda não tem um compromisso com a igreja. Participam dos cultos, porém ainda não são membros da igreja. O propósito ligado a esse grupo é o da adoração.
- A **congregação** é o grupo formado pelas pessoas já batizadas e são, portanto, membros da igreja e tem compromisso com ela. O propósito ligado a esse grupo é o da comunhão.
- Os **comprometidos** é o grupo formado pelos membros da igreja que estão, porém num processo de crescimento em direção à maturidade. Os propósitos ligado a esse grupo é o do discipulado.
- O **núcleo** é o grupo formado pelos membros da igreja que estão comprometidos com algum ministério específico. O propósito ligado a esse grupo é o do ministério.²⁰⁷

²⁰⁵ WARREN, 2008, p. 74.

²⁰⁶ WARREN, 2008, p. 117.

²⁰⁷ WARREN, 2008, p. 117.

A ICP enxerga, portanto, todas as pessoas como participantes de um determinado grupo que constitui-se num público-alvo ao qual são direcionadas ações específicas. Esta estratégia de crescimento de igreja apresenta métodos específicos para conduzir as pessoas da periferia para o centro do círculo, conforme imagem acima. O objetivo central é levar pessoas da comunidade para o núcleo, o que seria a categoria ideal, o ponto culminante.

3.1.1 A influência do Movimento de Crescimento de Igreja

Warren, na década de 1970, ainda estudante de seminário teológico, teve contato com as ideias de Donald McGavran, considerado o pai²⁰⁸ do Movimento de Crescimento de igreja (MCI)²⁰⁹, sendo impactado com seus questionamentos sobre o que faz uma igreja crescer. As afirmações de McGavran de que a vontade de Deus é que sua Igreja cresça e que a implantação de novas igrejas é o melhor método para alcançar esse objetivo, o influenciaram a iniciar uma nova igreja com pessoas ainda sem vínculos com denominações evangélicas. Warren afirma que foi a partir da leitura dos textos de McGavran que ele se sentiu impulsionado a buscar princípios bíblicos e culturais que levassem a igreja ao crescimento saudável:

Assim como usou o Dr. Criswell para tornar mais claro meu chamado ministerial, Deus usou também os livros de Donald McGavran para reforçar minha ideia de implantar uma igreja, em vez de pastorear uma já estabelecida... McGavran desafiou de forma brilhante a concepção popular de crescimento de igreja com uma teoria bíblica simples e lógica, porém apaixonante, demonstrando que Deus realmente quer que sua Igreja cresça e que as ovelhas perdidas sejam encontradas. As questões levantadas por McGavran pareceram-me de especial relevância quando observei o crescimento lento e doloroso das igrejas do Japão... Naquele dia, após a leitura do artigo de McGavran, senti que Deus me orientava a investir a minha vida na busca de princípios bíblicos, culturais e de liderança que produzissem igrejas saudáveis e que crescem. Foi o começo de uma longa jornada de estudos.²¹⁰

Donald McGavran, ex-missionário americano na Índia, publicou o livro “As Pontes de Deus” em 1955, onde apresentou suas principais ideias acerca do crescimento das

²⁰⁸ MEDEIROS, Douglas A.G. *O Reino de Deus e a Igreja na Teologia da Missão Integral*: René Padilla. Dissertação (Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: UESP 2016, p. 22.

²⁰⁹ A Academia Americana de Crescimento de Igreja conceitua o MCI como sendo “A ciência que estuda o plantio, multiplicação, função e saúde das igrejas cristãs, especificamente no que se relaciona com a implementação da Grande Comissão de ‘fazer discípulos de todas as nações’” (Mt 28.19).

²¹⁰ WARREN, 2008, p. 29.

comunidades cristãs.²¹¹ O MCI surge da insatisfação de McGavran e dos seus seguidores com a pouca eficiência da obra missionária nos EUA e em países estrangeiros no tocante aos resultados quantitativos. Havia inexpressivo crescimento do número de adeptos destas missões, após anos de investimento financeiro e também investimento de pessoal.²¹² McGavran enxergava nas páginas bíblicas do antigo e, especialmente, do novo testamento um extraordinário crescimento da igreja cristã, fato pouco observado em seus dias, e essa insatisfação o leva a pensar em estratégias que fossem capazes de alavancar tal crescimento. A partir daí ele lança mão do pragmatismo, ressaltando a importância das técnicas e recursos até mercadológicos e também de teorias antropológicas e sociológicas como os “princípios das unidades homogêneas”²¹³ para explicar como as igrejas poderiam crescer.

Donald McGavran ao regressar do campo missionário tornou-se professor do Seminário Teológico Fuller, de Pasadena, Califórnia, EUA, assumindo a Escola de Missões, que ficou mundialmente conhecida pela divulgação das ideias do MCI. Desde então, o chamado Movimento de Crescimento de Igreja com seus pontos positivos e negativos, do ponto de vista eclesiológico, tem sido alvo de acirrados e apaixonados debates. As ideias de McGavran foram divulgadas por seu discípulo Peter Wagner, que inclusive o sucedeu na cadeira de Crescimento de Igreja no Seminário Fuller.²¹⁴

O MCI tem influenciado milhares de líderes e igrejas nos últimos 50 anos e tem encontrado também solo fértil no Brasil com seu ideal de sucesso ligado ao crescimento numérico. Nas últimas décadas muitas estratégias de crescimento de igrejas têm sido elaboradas no evangelicalismo brasileiro e outras ainda são importadas, como é o caso da Igreja com Propósitos.

²¹¹ OLIVEIRA, Wanderson F. M. O que as mensagens às sete igrejas do Apocalipse têm a ensinar para o Movimento de Crescimento de Igreja? *Protestantismo em Revista* | São Leopoldo, v. 32, p. 105-121, set./dez. 2013, p. 105.

²¹² MEDEIROS, 2016, p. 45.

²¹³ O princípio das unidades homogêneas é descrito por McGavran a partir da sua conclusão de que “as pessoas gostam de ser cristãs, sem ter que cruzar barreiras raciais, linguísticas ou socioeconômicas”.

²¹⁴ As principais ideias de Peter Wagner concernente ao crescimento de igrejas estão contidas no livro *Estratégias para o Crescimento de Igrejas* (WAGNER, Peter. *Estratégias para o Crescimento de Igrejas*. São Paulo: Sepal, 1991).

3.1.2 Os propósitos da IEAB em Feira de Santana

A IEAB em Feira de Santana adotou como prática eclesiástica a proposta da ICP por volta do ano 2001.²¹⁵ Ao analisar os documentos oficiais da igreja, não encontramos nenhuma referência a adoção de uma filosofia ministerial específica, tendo os campos eclesiásticos certa autonomia para definir suas estratégias. Carmo & Carmo, relatando a história do Campo Eclesiástico, descrevem assim a inserção da igreja na ICP:

Por iniciativa do Pastor Tércio Ferreira, pastor titular entre 2001 e 2005, ocorre uma transferência da igreja para a Av. Marechal Deodoro, onde ficamos por aproximadamente 6 anos, local no qual podemos afirmar que foi um tempo de crescimento e amadurecimento na vida cristã de muitos irmãos, daqueles que se envolveram na nova dinâmica proposta para a igreja na cidade: Uma Igreja Com Propósitos.²¹⁶

Seguindo os princípios da ICP, a IEAB em Feira de Santana estabeleceu sua declaração de propósitos e passou a pautar sua vida eclesiástica a partir de cinco palavras, a saber: celebração, comunhão, consolidação, consagração e contribuição. Esses propósitos foram elaborados seguindo a mesma filosofia dos propósitos originais da ICP. Seguiu-se a essa fase inicial, a realização de treinamentos para a liderança, a implantação de células, a elaboração de literaturas para ensino e a formatação de toda a estrutura eclesiástica dentro dos padrões da ICP. Anos mais tarde, a IEAB enquanto denominação, estabeleceu uma declaração de missão, também influenciada pela ICP, sem, no entanto, adotá-la como filosofia ministerial. A partir daí a IEAB em Feira de Santana, reformulou seus propósitos, dentro desta nova declaração. Os novos propósitos adotados pela IEAB em Feira de Santana, foram então elaborados a partir desta declaração de missão da IEAB nacional, formando o acróstico PESCA, sendo eles: proclamação, edificação, serviço, comunhão e adoração.²¹⁷

²¹⁵ IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO. *Ata de reunião do conselho do Campo Eclesiástico Feira de Santana*. 2000, p. 87-90.

²¹⁶ CARMO; CARMO, 2018, p. 15.

²¹⁷ IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO. *Visão, missão e propósitos da IEAB em Feira de Santana*. Feira de Santana: [s.n.], 2015, p. 17-18.

3.2 O ethos avivalista

A palavra ethos de origem grega, nos remete à retórica antiga, à Retórica de Aristóteles, onde significava a imagem positiva de si mesmo que o orador transmitia,²¹⁸ ou seja, ethos “são os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório”.²¹⁹ A partir dessa concepção etimológica a noção de ethos ampliou-se, numa releitura de Aristóteles, sobretudo por Maingueneau passando a representar o caráter, a maneira de ser no mundo, a origem dos valores e as normas que estruturam uma civilização, um povo, um grupo social ou simplesmente um indivíduo.²²⁰ Em Análise do Discurso,

O ethos retórico foi, entretanto, principalmente retomado e elaborado nos trabalhos de Maingueneau. O enunciador deve legitimar seu dizer: em seu discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber. No entanto, ele não se manifesta somente como um papel e um estatuto, ele se deixa aprender também como uma voz e um corpo. O ethos se traduz também no tom, que se relaciona tanto ao escrito quanto ao falado, e que se apoia em uma ‘dupla figura do enunciador, aquela de um caráter e de uma corporalidade’.²²¹

De uma maneira geral, “o ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete.”²²² Cada grupo constrói um modo particular e habitual de compreender o mundo. É do ethos que brota todo o mundo simbólico e mítico, ou seja, os valores que sustentam a vida em suas multifaces. De acordo com essa percepção, podemos afirmar que o pentecostalismo da IEAB, possui um ethos religioso próprio, uma forma de enxergar, codificar e reagir no mundo. O ethos religioso, portanto, é manifesto nas crenças e práticas, nos ritos e na percepção dos símbolos, bem como nos significados a eles estabelecidos por uma determinada tradição religiosa ou segmento dela. Geertz aborda de que forma o ethos religioso age sobre instituições e indivíduos, produzindo identidade e construindo sentidos para a vida:

²¹⁸ MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2008, p. 12.

²¹⁹ MAINGUENEAU, 2012, p. 13.

²²⁰ AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, p. 9-27, 2008, p. 16.

²²¹ CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 220.

²²² GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC. 2012, p. 93.

Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.²²³

O ethos discursivo avivalista pode ser compreendido a partir do seu mito de origem, a partir do nome que foi estabelecido para a denominação em 1946 pelos seminaristas fundadores e a partir da sua configuração administrativa. O termo Avivamento aponta para o êxtase e ação do Espírito Santo, por meio do batismo, curas divinas e renovação do ânimo da igreja. Aponta para o fato de que a IEAB busca significar sua identidade de Igreja Pentecostal na tentativa de delimitar as fronteiras voláteis (outras fontes de significados) do campo religioso pentecostal. O termo Bíblico aponta para o alicerce e centralidade das Escrituras na renovação espiritual. Percebemos que estava no pensamento dos fundadores que a missão da IEAB estava ligada à restauração dos dons espirituais com ênfase na santidade da Igreja. O adjetivo Bíblico que acompanha o Avivamento nos faz também pensar que ele aponta uma marca que busca diferenciar este pentecostalismo nascente de outros.

O ethos discursivo da denominação é explicitado por seus materiais impressos, prédicas e práticas. A IEAB não possui uma incursão midiática televisiva, apesar de alguns campos eclesiais possuírem programas de rádio com apresentação e iniciativa particular de pastores locais. Um fator preponderante na constituição da identidade avivalista foi o fato da igreja nascer a partir de igrejas locais independentes administrativamente que depois se uniram para estar debaixo de um mesmo conselho diretor.²²⁴

3.2.1 A produção bibliográfica sobre a IEAB: como seu ethos é descrito

Apresentamos aqui as principais literaturas publicadas sobre a IEAB. Elas foram importantes para a compreensão do objeto e serviram como útil fonte de pesquisa. Israel de Araújo em suas obras²²⁵, apresenta a IEAB como tendo sido fundada pelo pastor Mário Roberto

²²³ GEERTZ, 2012, p. 67.

²²⁴ SILVA, 2016, p. 143.

²²⁵ ARAÚJO, Israel. *História do Movimento Pentecostal Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p. 52.

_____. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 244.

Lindstron a partir de um grupo de crentes da Igreja Metodista do Tucuruvi. O autor afirma ser o Avivamento Bíblico um dos primeiros movimentos pentecostais independentes do Brasil.

Aloísio Tadeu Rodrigues da Silva, pastor da IEAB e atual Diretor Geral de Cultura e Educação da denominação, realizou o registro do processo de construção da Igreja, apresentando em sua obra diversos discursos dos fundadores e líderes importantes na trajetória da denominação, publicados originalmente no Jornal Avivamento, órgão oficial de divulgação das atividades da Igreja que circula internamente desde 1958. O livro tem caráter confessional e destaca desde os detalhes do início da experiência dos seminaristas com o batismo no Espírito Santo, passando pelo conflito com a Igreja Metodista, até os dias atuais, apresentando a dinâmica contemporânea da denominação.²²⁶

Leonildo Campos ao comentar sobre o crescimento do pentecostalismo a partir de cisões das próprias denominações pentecostais como também no seio das igrejas protestantes históricas, cita “o surgimento nos anos 40 de mais um movimento pentecostal autônomo, este originado por cisões entre metodistas paulistanos, dando origem à Igreja do Avivamento Bíblico.”²²⁷

Luís de Castro Campos Júnior, buscando discutir o desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil, especialmente no estado de São Paulo, foca na fundação, crescimento e metodologia da IEAB. O autor faz a análise do contexto histórico da década de 1940 ressaltando o crescimento da urbanização na sociedade brasileira.²²⁸ Porém é na obra de Campos Júnior em que temos a análise mais abrangente dos aspectos da fundação, estrutura e identidade da IEAB. No livro o autor busca analisar as origens históricas da denominação no contexto do fim do Estado Novo, a partir do referencial teórico da História das Religiões, refletindo sobre as transformações ocorridas na sociedade brasileiro na década de 1940 e o papel do pentecostalismo em franco crescimento.

3.2.2 *As principais práticas eclesiais da IEAB em Feira de Santana*

A centralidade do discurso da IEAB em Feira de Santana é manifesta em sua declaração dos cinco propósitos da igreja, porém, percebemos através da análise de seus

²²⁶ SILVA, 2016.

²²⁷ CAMPOS, 2005, p. 113.

²²⁸ CAMPOS JÚNIOR, 2007, p. 5.

documentos, uma ênfase nos propósitos da proclamação e da comunhão representados em duas práticas eclesiais: os pequenos grupos e o discipulado. Estes trabalhos fazem parte da estratégia da igreja de atender as necessidades dos membros de forma individual e/ou em grupos menores, tirando o foco do templo como lugar central para a obediência da fé e da vivência comunitária. Inclusive consta nas atas de reuniões do Conselho da Igreja a existência do trabalho com discipulado e grupos familiares em data anterior à adoção da ICP.²²⁹ Essa ênfase está materializada nos documentos, como se vê abaixo:

Como parte do trabalho prioritário a ser desenvolvido por essa Igreja de Jesus sobre a Terra, compreendemos que o discipulado, ou seja, a arte de fazer discípulos é a sua tarefa principal. Que cada membro da igreja seja um discipulador consciente da sua responsabilidade e tenha a sua casa como um local de reunião da Igreja onde haja comunhão e crescimento.²³⁰

Podemos perceber a importância que a IEAB confere a essas atividades que visam uma atuação mais próximas dos sujeitos, levando em consideração a individualidade e subjetividade das suas necessidades. Apresentamos abaixo de forma breve, as estratégias dos pequenos grupos e o discipulado como as práticas que se destacam na eclesiologia avivalista. Destacamos que essas atividades são também centrais na ICP.

Quanto à estratégia dos pequenos grupos, eles fazem parte da *práxis* da ICP. Apesar do PG não ser algo essencial dentro do movimento, Warren destaca a necessidade da igreja ter vários pequenos grupos com propósitos bem definidos e distintos como grupos de apoio, grupos de interessados, grupos de serviço, e grupos de crescimento.²³¹ A IEAB em Feira de Santana começou a utilizar a estratégia dos grupos familiares na década de 1990,²³² vindo depois a

²²⁹ IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO. FEIRA DE SANTANA. *Ata de reunião do conselho do Campo Eclesiástico*. 2000, p. 83-84.

²³⁰ IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO. *Visão, missão e propósitos da IEAB em Feira de Santana*. Feira de Santana: [s.n.], 2015, p. 9.

²³¹ WARREN, 2008, p. 131.

²³² IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO. FEIRA DE SANTANA. *Ata de reunião do conselho do Campo Eclesiástico*. 1996, p. 71-72.

chamar de células²³³ com a influência do movimento do G12.²³⁴ Os objetivos deste trabalho visam o crescimento numérico e uma maior comunhão entre os membros da comunidade.²³⁵

Segundo Stephanini, muitas igrejas tem buscado se reconfigurar em pequenos grupos adotando para tanto modelos diversos, algumas à procura de aumento da membresia, outras experimentando uma nova reconfiguração eclesial.²³⁶ Os últimos trinta anos do século XX provocaram mudanças radicais na configuração mundial representadas principalmente pelo avanço do capitalismo globalizado e das tecnologias sobretudo nas áreas de informática e telecomunicações. Surgido neste contexto de transformações vivenciadas no protestantismo dos últimos anos, o movimento celular abriga em si muitas das práticas difundidas entre os protestantes na contemporaneidade, como a adoção de métodos específicos de crescimento numérico e fomento da comunhão e utilização de modelos de gestão eclesiástica do tipo empresarial, fazendo emergir uma nova configuração eclesiástica, uma nova forma de ser igreja.

Neste contexto, o grande interesse de líderes brasileiros pelo trabalho com grupos familiares foi despertado a partir da experiência da Igreja do Evangelho Pleno na Coréia do Sul, liderada pelo Pr. David Young Cho, então a maior igreja evangélica do mundo. Os livros do referido pastor, sobretudo, *Grupos Familiares e Crescimento da Igreja*²³⁷, motivaram muitos pastores a viajarem àquele país para verem in loco o extraordinário crescimento numérico ali alcançado.

Surge então no Brasil, nos últimos trinta anos, diversas “visões” e metodologias de implantação do trabalho evangélico nas casas, com a variação de algumas características e influências de um modelo para outro. Dentre estes modelos podemos citar: o movimento igreja em células, o G12, o M12, o MDA e a Igreja com Propósitos, modelo adotado pela IEAB em Feira de Santana.

²³³ IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO. FEIRA DE SANTANA. Ata de reunião do conselho do Campo Eclesiástico. 2000, p. 83-84.

Apesar de ser usado por outros grupos, o termo célula foi bastante difundido pelo movimento G12.

²³⁵ NASCIMENTO, Valdivan C. *Pequenos grupos: para comunhão e crescimento da igreja*. 2ªed. Feira de Santana: Avivamento, 2017, p. 18.

²³⁶STEPHANINI, Valdir. *Aumento de membresia ou reconfiguração eclesial?* um estudo pastoral sobre pequenos grupos em igrejas batistas do estado do Espírito Santo. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2016, p. 31.

²³⁷ CHO, Paul Young. *Grupos Familiares e Crescimento da Igreja*. São Paulo: Vida, 1990.

Quanto à estratégia do discipulado, na ICP é um dos propósitos originais estabelecidos por Rick Warren. Para ele o discipulado cumpre a função de levar os membros da igreja a um avanço na maturidade espiritual. Na IEAB em Feira de Santana, o discipulado está contido entre os propósitos da proclamação e comunhão, havendo com esse trabalho tanto um objetivo proselitista, com alvo de aumentar o número de membros, como também um alvo de cuidado de cada pessoa da comunidade, conduzindo-as ao crescimento espiritual.

Há certo enfoque no trabalho individual com o chamado discipulado um a um. Há uma intenção de um acompanhamento individual iniciado com o curso bíblico domiciliar que representa o início do discipulado, com a ação de ministração de 7 lições evangelísticas nas residências de pessoas interessadas, uma vez por semana. Quando essa pessoa firma o compromisso, começa então o processo do discipulado um a um, um acompanhamento pessoal daquele novo convertido.

3.3 Principais características do discurso da IEAB

Esta análise, ao se filiar teórica e metodologicamente à Análise do Discurso francesa, procura explicitar uma formação discursiva (FD) reveladora da identidade e dos interesses da IEAB, que se inscreve dentro do espectro pentecostal brasileiro. A análise do processo discursivo da denominação permite apreender tanto os sentidos por ela produzidos a partir dos seus documentos oficiais e publicações, quanto a construção do entendimento acerca desse viés peculiar do movimento pentecostal nacional.

Propomo-nos a essa tarefa a fim de analisar os argumentos principais da IEAB, apresentados em seus documentos oficiais (jornal, livros, constituição). É nossa intenção, apresentar a natureza discursiva religiosa dessa denominação dentro do cenário pentecostal, analisando sua interdiscursividade diante do campo religioso brasileiro. Analisaremos a formação da identidade desta igreja, examinando os argumentos presentes desde a sua gênese nos discursos dos seus fundadores e dos principais líderes.

Lançando mão do dispositivo teórico-analítico da AD, buscamos interpretar o discurso da IEAB a partir dos seus textos que possibilitam o acesso ao discurso, este entendido como processo e constituído pelo interdiscurso. Desse modo, o que pretendemos não é fazer análise de conteúdo, mas compreender como o discurso se textualiza, expressa significados e como os sujeitos se marcam através do que dizem (ou escrevem).

3.3.1 A identidade discursiva da IEAB

O objetivo dessa seção é examinar a construção identitária da IEAB a partir da doutrina da santificação e sua influência para a experiência do batismo no Espírito Santo relatada pelos fundadores e posteriormente no desenvolvimento da denominação. Analisaremos a formação da IEAB em território brasileiro, a partir do Estado de São Paulo, destacando os pontos principais da sua doutrina e seu discurso. Para tanto, utilizaremos os relatos e discursos dos fundadores e principais líderes, bem como os relatos “históricos oficiais” divulgados pela denominação. Entretanto, através da problematização e da crítica aos documentos avaliaremos as lacunas, os silêncios, as tensões que surgiram no início desta denominação. Por fim, apresentaremos uma reflexão acerca do caráter identitário da IEAB nos seus primeiros anos.

É importante ressaltar que não existiu no processo de construção da IEAB um líder que ocupasse uma posição de destaque e desse a tônica do seu discurso. Apesar da atuação e influência dos seus fundadores, a denominação não se constituiu a partir de um dono ou presidente vitalício, tendo em sua estrutura organizacional a forma democrática de escolha de seus líderes gerais, inclusive o presidente.²³⁸ Tentaremos refletir aqui como a doutrina da santificação impulsionou o processo formador desta denominação e como este discurso está posicionado no campo religioso pentecostal brasileiro.

Ressaltamos que para a compreensão do discurso da IEAB se faz necessário analisar a interdiscursividade presente em sua gênese, uma vez que o discurso da IEAB foi forjado a partir da imbricação entre os pontos doutrinários da Igreja Metodista e as doutrinas pentecostais. Por esse motivo e mais algumas razões, podemos afirmar que o Avivamento Bíblico desenvolveu uma história e um discurso peculiar dentro do movimento pentecostal brasileiro a partir do seu nascimento em 1946. Primeiro porque foi uma denominação pentecostal que surgiu sem ligação aparente com as igrejas pentecostais pioneiras (Congregação Cristã e Assembleia de Deus) e que já dominavam o campo pentecostal em várias regiões do país à época. Uma segunda razão que podemos apresentar é o fato de ter sido fundada por brasileiros. As igrejas pioneiras já mencionadas foram fundadas por missionários estrangeiros e mantiveram ao longo do tempo ligações eclesiais e administrativas com missões norte-

²³⁸ IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO. *Constituição da IEAB 2016-2020*. São Paulo, [s.n.], 2017, p. 51.

americanas ou europeias. Mesmo igrejas que foram fundadas depois das pioneiras como a Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil, fundada em 1934, é oriunda dos Estados Unidos.²³⁹ Uma terceira razão da peculiaridade da identidade da IEAB é a tônica do seu discurso. De uma forma geral, a partir da classificação de Bertone Souza, já mencionada, podemos considerar a IEAB como fazendo parte do pentecostalismo salvacionista, semelhante às igrejas pentecostais pioneiras. No entanto, se aquelas igrejas nascem com o seu discurso religioso tendo o batismo no Espírito Santo como aspecto central, a IEAB terá também a santificação como marca identitária e que acompanhará toda sua história.²⁴⁰ Vejamos o que diz Mário Roberto Lindstrom, fundador da Igreja a esse respeito.

Um dos princípios fundamentais do Avivamento Bíblico é a santificação. Deus escreveu nas tábuas do coração dos iniciadores estas palavras: ‘Segui a paz com todos e a santificação sem a qual ninguém verá o Senhor’ Hb.12:14. O diabo, o mundanismo, o modernismo, etc., não tem podido apagá-las. Aleluia! Cremos, como Wesley e os metodistas primitivos, na necessidade de uma transformação completa. Que a santificação é uma experiência distinta da regeneração e do próprio batismo com o Espírito Santo. Pentecostes é um Dom para o serviço do Senhor, não obstante tornar o crente fervoroso e consagrado. Santificação é graça para o caráter. Muitos recebem o Pentecostes, tem os dons, mas falta-lhes a Santificação e os frutos. No pentecostes entramos em I Coríntios 14, na experiência de santificação andamos no ‘caminho mais excelente’ – I Coríntios 13. Creio que as duas experiências devem andar juntas. Assim muitos mais cristãos crerão no Batismo com o Espírito Santo. Antes de nós já havia muitas igrejas aqui no Brasil que criam na experiência pentecostal. Depois de nós apareceram outros movimentos. Notamos, no entanto, que nesses últimos anos há uma ênfase muito grande à cura divina, mais do que qualquer outro ponto da Bíblia. Nós também cremos, ensinamos que Cristo cura e oramos pelos enfermos, possuímos tendas onde o trabalho tem sido abençoado, mas colocamos a cura divina no lugar onde deve estar. Um avivamento com base na cura divina produz muito movimento, atrai muita gente, deixa muita gente amiga do Evangelho, e alguns são movidos a crer por meio de milagres e prodígios, mais isso não é suficiente. Cremos que I Coríntios 1:21 ‘aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação’, ainda é o melhor método bíblico. A tendência moderna é deleitar os ouvintes prometendo-lhes uma porção de coisas boas sem, contudo, falar-lhes sobre seus pecados, mas a Bíblia diz assim: ‘Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados...’ Atos 3:19. Não é muito interessante formarem-se igrejas com pessoas alegres porque foram curadas apesar de darem testemunhos da sua cura em cada culto, se não se notar uma experiência de arrependimento e verdadeira conversão.²⁴¹

²³⁹ SILVA, Wallace Gois. *Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil: fundação, re(d)ação e teologia no contexto brasileiro de 1934 a 1986*. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/347>>. Acesso em: 01 out. 2017. p. 16.

²⁴⁰ A doutrina da santificação e a busca da experiência do coração aquecido, ambas práticas de João Wesley foram os pontos que levaram os seminaristas metodistas fundadores da IEAB à experiência do êxtase pentecostal, a partir, sobretudo, da influência dos colegas da Igreja Metodista Livre, supracitados.

²⁴¹ SILVA, 2016, p. 99.

Percebemos no relato acima que os pentecostais clássicos ou da primeira onda ficaram identificados pela ênfase no poder advindo pelo batismo no Espírito Santo, assim como as igrejas pentecostais que surgem a partir da década de 1950, tinham a cura divina como marca principal do seu discurso. A IEAB que surge no limiar entre um período e outro, destaca a santificação como sua ênfase principal e que a diferencia dos demais pentecostais.

A Constituição da IEAB, código de normas e condutas que regem o funcionamento da denominação em todas as instâncias, na seção “Dos princípios gerais e éticos” declara que o lema principal da Igreja é “Santidade ao Senhor” – “Orai sem cessar” e que ela será orientada pelo seguinte princípio ético: “Segui a paz com todos, e a santificação; sem a qual ninguém verá o Senhor (Hebreus 12:14).”²⁴²

Demonstrando a ênfase na doutrina da santificação, o mesmo documento oficial da denominação declara que os fins da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico são: “Propagar o evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e levar pessoas à obediência a palavra de Deus; levar os seus membros a buscarem o batismo no Espírito Santo e a santificação para suas vidas.”²⁴³ Por santificação a IEAB compreende “a obra instantânea e progressiva do Espírito Santo, adquirida pela fé na livre graça de Deus, pela qual nosso homem completo é renovado segundo a imagem de Deus, pela qual morremos para o pecado e vivemos para a justiça.”²⁴⁴

Dentre os relatos oficiais e históricos que caracterizam a identidade do discurso avivalistas, apresentamos a mensagem abaixo, proferida pelo Pastor Cosme Ferreira da Silva, então Diretor do Departamento Geral de Cultura e Educação Cristã da IEAB, no templo de Jaçanã, primeira igreja da denominação no Estado de São Paulo em 7 de setembro de 1979, quando era comemorado o 33º aniversário do movimento:

Irmãos! O que caracteriza o Avivamento Bíblico, no contexto evangélico, particularmente, no contexto pentecostal? O que marca a sua identidade?

Sempre que Deus levanta um líder, o mesmo tem uma tônica de mensagem que o caracteriza. No caso das denominações evangélicas, há sempre uma ênfase especial a certos aspectos da mensagem bíblica que caracteriza cada uma delas. Aliás, sem isto não há nenhuma lógica na existência de uma denominação evangélica. O Movimento Pentecostal da atualidade apresenta quatro tendências ou ramos mais ou menos distintos:

a) Os grupos mais antigos que podemos designá-los como pentecostais ortodoxos;

²⁴² IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO, 2017, p. 32.

²⁴³ IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO, 2017, p. 28.

²⁴⁴ IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO, 2017, p. 29.

- b) Um outro grupo, também antigo, que sustenta pontos doutrinários e normas de ação bem exclusivos e que se mantêm isolados dos demais evangélicos;
- c) Movimentos de Renovação Espiritual no seio de Igrejas Tradicionais, que, porém, não se identificam plenamente com o que chamamos de pentecostais ortodoxos;
- d) Finalmente os grupos mais recentes, que dão destaque especial aos milagres, à solução de problemas imediatos, as revelações, etc.

No contexto acima, onde o Avivamento Bíblico estaria inserido? A que veio o Avivamento Bíblico? Qual a sua mensagem característica? Qual o seu modo de ser? Ao chegarmos à idade adulta percebo que estamos firmando nossa identidade, destacando-se três características que me parecem bem marcantes. Os textos de Is. 54:2; Mt. 28:19-20; II Co. 3:1-3; Hb. 10:14-17; Ef. 4:11-16, lidos inicialmente, focalizam o que tem sido nossas principais preocupações:

Primeira Característica: Preocupação especial com evangelismo e com o ensino da Palavra de Deus. Exemplos: a) Planos e realizações do Departamento Geral de Evangelismo e Missões; b) Preocupação com a integração dos novos convertidos e o início de planos específicos para essa área; c) A ênfase que está recebendo a EBD e os planos e realizações para dinamizar essa área e d) Treinamento de obreiros e líderes, curso bíblico intensivo e diversos encontros e seminários com finalidade de ensino.

Segunda Característica: Preocupação especial em que os crentes tenham uma experiência cristã interior (Cristo em nós). Exemplos: a) Ênfase à santificação como o resultado da presença de Cristo em nossas vidas. Santificação não é a observância de regras; b) A ênfase dos crentes avivalistas não é sobre o que é permitido ou proibido, mas sobre o que é essencial, o que é edificante, o que glorifica o nome de Cristo, e faz que nossa vida seja abundante e frutífera.

Terceira Característica: Preocupação especial com o crescimento espiritual, a maturidade e a frutificação. Exemplos: a) Ênfase ao fato de que as crianças estão sempre pedindo, sempre querendo ser agradadas, sempre necessitando de cuidado e atenções especiais; b) O adulto está pronto a servir, pronto a realizar, pronto a ajudar, cuidar do outro, prontos a produzir; c) O crente em sua infância espiritual está sempre em busca de benefícios, o crente maduro tem posição estabelecida sobre a verdade, mas está sempre aberto e prontos a novos projetos, nova experiência, etc. Nada de mente fechada! O que temos afirmado aqui diz respeito à posição de nossa Igreja como um todo. Refere-se ao Avivamento Bíblico globalmente.

Três pontos do discurso do Pr. Cosme F. da Silva merecem aqui um destaque diante da nossa proposta de analisar o discurso geral da IEAB: a sua preocupação em enfatizar a identidade da igreja, a classificação que ele faz do pentecostalismo no Brasil até aquele momento (1979) e a reiterada ênfase na santificação. Percebemos então, em primeiro lugar, que o objetivo do discurso foi ressaltar o propósito da existência da IEAB, destacando a sua identidade e situando-a dentro do campo pentecostal. Em segundo lugar, percebemos que no discurso há uma tentativa de classificar em grupos mais ou menos homogêneos, as igrejas pentecostais mais expressivas à época. Essa é uma referência interessante, pois nos permite compreender como a IEAB enxergava os pentecostalismos no Brasil e como se colocava nesse ambiente plural. Estão assim classificados os pentecostalismos no discurso:

Quadro 1 – Pentecostalismos no final da década de 1970, na visão da IEAB²⁴⁵

Pentecostais ortodoxos (grupos antigos)	Pentecostais isolados (pontos doutrinários exclusivos – grupos antigos)	Movimentos de renovação espiritual (a partir das igrejas históricas)	Pentecostais recente (ênfase em milagres, solução imediata de problemas e revelação)
Assembleia de Deus	Congregação Cristã	Metodista Wesleyana, Batista Renovada, Presbiteriana Renovada, etc.	Deus é Amor, O Brasil para Cristo, Igreja Universal, etc.

A terceira característica da IEAB apresentada no texto em análise, refere-se à santificação como marca identitária da igreja. Não sendo a denominação classificada entre os grupos antigos, nem apresentando aspectos doutrinários exclusivos, nem tão pouco dê ênfase a milagres ou solução imediata de problemas, a posição da IEAB nesta classificação seria a de movimento de renovação a partir das igrejas históricas, como realmente conota seu nascimento, porém esse referido Movimento de Renovação está situado historicamente na década de 1960 quando muitas igrejas pentecostais surgem no Brasil a partir de conflitos doutrinários de Igrejas históricas com membros que estavam pentecostalizando-se. Daí a ênfase do discurso recair no aspecto da santidade, bem como no ensino e na maturidade espiritual como marcas que caracterizam e distinguem a IEAB no cenário pentecostal brasileiro.

A santidade enquanto tema central na IEAB, dando destaque, portanto, mais a questão da qualidade do que a quantidade foi a razão apontada pelo Pr. Alídio Flora Agostinho como um dos motivos para o pequeno crescimento da IEAB, frente a outros movimentos pentecostais cuja gênese é contemporânea à IEAB. Esse relato foi realizado pelo citado pastor, nas comemorações do 30º aniversário da denominação em 1976, publicado no Jornal Avivamento. Trazemos aqui um pequeno fragmento do texto:

O Avivamento Bíblico sempre se caracterizou por não se impressionar muito com números e viveu em seus primeiros anos rigidamente preso ao conceito de: ‘queremos qualidade e não quantidade’. Seu lema de ‘seguir a paz com todos e a santificação’, quase o matou, pois estava levando-o a ficar fechado dentro de um círculo de egoísmo e exterioridades... era a ‘santificação farisaica’ não a santificação bíblica, a santificação do coração.²⁴⁶

²⁴⁵ Elaborado pelo autor a partir das informações retiradas da obra de (SILVA, 2016, p. 103-105).

²⁴⁶ SILVA, 2016, p. 98.

Compreendemos, então, que enquanto algumas denominações pentecostais surgiram com um discurso marcado por uma forte ênfase no batismo no Espírito e outras com um destaque especial para a cura divina, a IEAB nasceu enfatizando a santificação, enquanto marca de caráter a ser buscada. E os fundadores entendiam, assim, que havia um propósito diferencial para a existência da igreja.

3.3.2 A influência da ICP no discurso da IEAB em Feira de Santana

Após todo o percurso percorrido nesta pesquisa em busca de respostas para a problemática proposta, compreendemos que a ICP com seus princípios e métodos tem contribuído para a formação discursiva da IEAB em Feira de Santana. As condições de produção desse discurso revelam que o pentecostalismo da IEAB tem sido ressignificado a partir dessa interação.

Enquanto os pentecostalismos (e também o da IEAB) tem na experiência do êxtase a sua linha dorsal, sendo este uma ação sobrenatural e divina sobre a igreja, a ICP postula a ação humana sobre a igreja desenvolvendo métodos e programas capazes de levá-la ao crescimento. Vale destacar, porém, que o lema da IEAB é “oração e trabalho por Avivamento no Brasil e no mundo”²⁴⁷ e o discurso que emerge deste enunciado nos faz pensar justamente na associação da ação divina com a ação humana. Enquanto a oração seria uma referência à busca do divino para questões que estão acima do poder humano, o trabalho nos fala das potencialidades humanas diante das suas responsabilidades. A intersecção entre esses modelos discursivos tem gerado na IEAB em Feira de Santana um discurso híbrido, que contém elementos de ambos os princípios.

Nessa pesquisa estivemos concentrados na análise do discurso gerado na IEAB em Feira de Santana a partir do encontro entre princípios do seu movimento pentecostal e da ICP. Identificamos a construção de um novo discurso com a conjugação de elementos aparentemente antagônicos: santidade X funcionalidade da igreja, qualidade X quantidade, experiência espiritual X métodos.

²⁴⁷ SILVA, 2016, p. 93.

Quanto à questão da santidade X funcionalidade afirmamos que em relação ao modelo discursivo do pentecostalismo, a IEAB é uma igreja que preserva tanto a ênfase salvacionista quanto à ênfase na experiência do batismo no Espírito Santo. Como pudemos observar na história desta denominação, a doutrina da santidade é uma ênfase específica da IEAB, cujos fundadores metodistas foram alcançados pela experiência pentecostal a partir dos ideais do movimento de santidade que remontam a John Wesley. No entanto, o discurso da IEAB em Feira de Santana tem sido moldado nos últimos vinte anos a partir da relação dialógica entre os princípios históricos do movimento pentecostal da denominação e os princípios da ICP abraçados pela igreja local. O discurso da santidade (ênfase no ser) tem sido ressignificado com a introdução da ênfase na funcionalidade da Igreja (ênfase no fazer).

Quanto à questão da quantidade x qualidade, conforme análise dos seus documentos oficiais a IEAB nasceu e desenvolveu-se enfatizando mais os aspectos qualitativos (santidade) do que quantitativos (crescimento numérico), embora uma das marcas do pentecostalismo brasileiro seja o crescimento exponencial. Isso explicaria, talvez, o tímido crescimento da denominação, em comparação a outras que nasceram no mesmo período ou ainda em época posterior. Em relação ao modelo discursivo da ICP observamos uma ênfase no crescimento numérico da Igreja, fato esse que em articulação com o discurso da IEAB o ressignifica, gerando um discurso mais pragmático voltado para aspectos práticos e numéricos.

Quanto à questão da experiência espiritual x métodos, a ICP é uma proposta bastante pragmática de filosofia eclesial, uma vez que apresenta mecanismos e métodos com os quais uma igreja pode aumentar sua membresia. O modelo padrão de ICP é a Igreja de Saddleback, apresentada como uma igreja saudável e em constante crescimento. O foco principal da ICP é o crescimento numérico da igreja, a partir do trabalho estratégico com os chamados “sem igreja”, portanto, para além de oferecer uma nova configuração eclesial para igreja, visa fornecer métodos para o aperfeiçoamento pessoal da membresia. O discurso metodológico da ICP contrapõe-se com a ênfase na experiência espiritual tão cara aos pentecostalismos. Analisamos que o discurso que surge desta interação é uma tentativa de associar esses dois elementos, o viés espiritual e as estratégias humanas.

3.4 Síntese e próximas considerações

Neste capítulo, tratamos da influência da Igreja com Propósitos no discurso pentecostal da IEAB em Feira de Santana, falando da origem da ICP e o momento em que a IEAB assume esse discurso. Buscamos identificar a ênfase do discurso da IEAB a partir de alguns de seus textos oficiais, analisamos seu ethos, como também discutimos a produção bibliográfica sobre a denominação. Aqui, portanto, refletimos sobre o discurso pentecostal da IEAB em Feira de Santana a partir do seu contato com as ideias da ICP, sendo este o problema específico desta pesquisa. Identificamos, assim, que a hipótese inicial se confirma, uma vez que o discurso atual da IEAB é um produto ressignificado, fruto de um processo de articulação com as ideias da ICP. Esse discurso apresenta um caráter de hibrididade, aglutinando em si pressupostos da ICP sem, no entanto, abandonar o lugar teórico e prático do pentecostalismo. A seguir apresentamos as considerações finais deste trabalho.



CONCLUSÃO

Abordamos aqui os pontos principais dos resultados alcançados a partir do problema proposto e das hipóteses levantadas. Contudo, não constitui nossa pretensão apresentar uma conclusão final, levando em consideração que nenhuma pesquisa pode esgotar, completamente, a análise do seu *corpus*.

Este trabalho de pesquisa teve início a partir da constatação da lacuna que havia sobre o tema no contexto das Ciências das Religiões. Os pentecostalismos no Brasil têm sido contemplados em muitas análises acadêmicas, principalmente no que se refere a igrejas que alcançaram crescimento expressivo e visibilidade midiática. No entanto, o pentecostalismo de igrejas menores não tem tido o mesmo enfoque, como também as relações do pentecostalismo com estratégias de crescimento de igrejas. Buscamos assim contribuir com o debate acadêmico e oferecer à sociedade como um todo, elementos para a compreensão desse fenômeno social e religioso.

Diante disso, o nosso objetivo geral nesta pesquisa concentrou-se em analisar o discurso pentecostal da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico em Feira de Santana-BA e suas relações com a estratégia de crescimento de igreja denominada Igreja com Propósitos. Foi nossa pretensão, dessa forma, ao longo do trabalho, compreender a origem, dinâmica e as fases dos pentecostalismos brasileiro e detalhar a história da IEAB, identificando a gênese do seu discurso pentecostal.

A IEAB foi fundada a partir de seminaristas metodistas que influenciados pela doutrina wesleyana da santidade, relataram ter tido a experiência pentecostal. Dessa forma, o conceito da santidade e os aspectos interiores e espirituais sempre tiveram predominância no discurso da denominação. Neste trabalho, inclusive, destacamos que o êxtase espiritual é o elemento central da religiosidade pentecostal e o fator que confere unidade aos pentecostalismos em sua variedade de formas. Por essa questão, a hipótese que nos motivou era a ideia de que a inclusão do discurso da ICP na unidade da IEAB em Feira de Santana modificava a estrutura do discurso inicial sem, no entanto, alterar a sua essência pentecostal.

Nos propusemos também a conhecer a origem e as principais premissas da Igreja com Propósitos, identificando a sua interdiscursividade com o Movimento de Crescimento de igreja. Dessa forma, constatamos que as estratégias para o crescimento de igrejas têm tido uma grande influência no evangelicalismo brasileiro, com a existência de variados sistemas que prometem aos pastores e líderes o tão sonhado aumento de membresia. Por fim, objetivamos de forma

específica, compreender como se dava a relação entre o discurso pentecostal da Igreja e a ICP e qual o produto dessa interação. Qual discurso fluía dessa articulação.

Os aportes teóricos da Análise do Discurso francesa nos ajudaram nessa tarefa. Os conceitos de texto e discurso, intertextualidade e interdiscursividade, enunciação e sentido foram fundamentais para a compreensão do discurso religioso analisado. Através da AD entendemos que a função do analista do discurso é compreender e explicitar o modo como um discurso produz sentido em uma determinada enunciação, formulada dentro de um contexto histórico que precisa ser levado em consideração.

Nessa perspectiva, compreendemos que esses sentidos dos discursos são interpretados a partir das concepções ideológicas vigentes no momento histórico. O texto manifesta o discurso e o discurso manifesta a ideologia. No caso específico desta pesquisa, entendemos que a preocupação contemporânea das igrejas com o crescimento quantitativo faz parte da formação discursiva deste contexto histórico, marcado por uma ideologia que enxerga o sucesso a partir de valores numéricos.

Concluimos que o discurso religioso constitui-se ainda numa área de amplas e profundas oportunidades para reflexão dentro da AD, sobretudo no Brasil, marcado por um crescente pluralismo religioso. O discurso pentecostal destaca-se neste cenário de pesquisas potenciais, dada a sua variedade de nuances e forte penetração na sociedade brasileira, ocupando, contemporaneamente, a maior parcela do protestantismo nacional.

Como dito, a nossa hipótese era a de que os princípios da ICP alteravam o discurso pentecostal da IEAB, gerando um discurso novo, recente, diferente do seu discurso de origem, uma vez que acrescentava elementos alheios ao seu contexto. Com o levantamento dos dados constatamos que a hipótese se confirma, pois muitas das ideias propostas pela ICP e incorporadas pela IEAB são antagônicas ou paradoxais aos seus princípios basilares.

Conseguimos, assim, respostas para o nosso problema inicial. Sim, a articulação entre a doutrina pentecostal da IEAB e as estratégias da ICP dão origem a um outro discurso. Apesar da IEAB continuar reconhecendo-se como denominação pentecostal de inspiração wesleyana, as ideias da ICP influenciam seu discurso numa direção mais pragmática e funcional.

Se o pentecostalismo da IEAB aponta para a centralidade da santidade, numa ênfase à qualidade da Igreja, a ICP aponta para o crescimento do rebanho, numa ênfase à quantidade. Se a doutrina pentecostal aponta para a experiência espiritual numa ênfase ao êxtase, a ICP aponta

para os métodos e propósitos, como meios para se chegar à finalidade da Igreja, que seria alcançar e reunir o maior número possível de pessoas.

Para alcançar estes resultados fizemos uso da pesquisa documental com levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de documentos oficiais da IEAB, como livros, atas e jornais. A análise de sermões proferidos pelos principais personagens da história da denominação foi de grande relevância para a apreensão do sentido do seu discurso. O material analisado e as referências consultadas nos permitiram realizar a tarefa a que nos propomos.

Identificamos algumas limitações no andamento do trabalho como dificuldade para acessar fontes primárias. Outra barreira que enfrentamos foi a escassez de publicações acadêmicas a respeito da denominação. Os textos que existem, com poucas exceções, fazem apenas apontamentos superficiais, como apêndices de outros assuntos.

Reconhecemos que o trabalho não se esgota aqui, uma vez que, ficou lacunas a serem exploradas, de repente, por outros pesquisadores que se interessem pelo tema. Por exemplo, o ethos da IEAB em comparação com o campo religioso pentecostal brasileiro pode ser melhor explorado, como também a sua relação com outras denominações. Pretendeu-se, portanto, através das reflexões aqui colocadas, abrir caminhos para outras pesquisas.

Chegamos aqui entendendo que os pentecostalismos com mais de cem anos de presença em solo brasileiro, continuam reinventando-se e ressignificando-se. Em cada denominação eles assumem características muito peculiares e essas idiosincrasias constituem-se em elementos significativos, pois a partir delas é possível visualizar a diversidade desse fenômeno e sua importância para a compreensão da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon F. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911-2011*. 2012. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3 ed. Lisboa: Presença, 1980.
- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Ethos discursivo: imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 9-27.
- ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADE EST, São Leopoldo: EST, v. 2, p. 459-472, 2014.
- ANDRADE, Celeste M. P. *Origens do povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial*. 1990. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1990.
- ARAÚJO, Antônio M. R. de. *O crescimento de Feira de Santana e o papel do Parque da Cidade nas transformações dos bairros do seu entorno*. 2015. 255 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2015.
- ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- _____. *História do Movimento Pentecostal Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- BENTO, Djalma S. B. *Biografia do fundador Mário Roberto Lindstrom*. São Paulo: Scortecci, 2016.
- BLIKSTEIN, Izidoro. Intertextualidade e polifonia: o discurso do plano “Brasil Novo”. In: BARROS, Diana L. P. e FIORIN, José L (Orgs). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. S. Paulo, Edusp, 1994. p. 45-48.
- BONINO, Miguez José. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003
- BRANCHINI, Orestes. 25 anos de História. *Jornal Avivamento*, São Paulo, set. 1971.
- BRANDÃO, Helena N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: UNICAMP, 2012.
- BRASIL, L. L. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagem - Estudos e Pesquisas*, Catalão, GO, v. 15, n. 1, p. 171-182, jan./jun. 2011.
- CAMPOS JÚNIOR, Luís C. Os pentecostais nos anos de 1940. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH, p. 1-19, 2007. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st8/Campos%20Jr,%20Luis%20de%20Castro.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2017.

_____. *Pentecostalismo e transformações na sociedade brasileira: a Igreja Avivamento Bíblico*. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. *Pentecostalismos: sentidos da palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995.

CAMPOS, Leonildo S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set./nov. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13458>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

_____. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 504-533, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n22p504>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

CARMO, Daniel; CARMO, Jeovânia. *50 anos da IEAB em Feira de Santana: uma história de milagres*. Feira de Santana [s.n.], 2018.

CHARAUDEUAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHO, Paul Y. *Grupos Familiares e Crescimento da Igreja*. São Paulo: Vida, 1990.

CUNHA, Magali do N. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações. *Estudos de Religião*. São Paulo: UESP, v. 25, n. 40, 33-51, jan./jun. 2011.

DINIZ, Aline F.; SANTOS, Rosângela L.; SANTO, Sandra M. Avaliação dos riscos de seca para o município de Feira de Santana-BA associado à influência do el nino no semi-árido do nordeste brasileiro. +*Geografias*, Feira de Santana, n. 1, p. 18-24, Maio / nov. 2008.

FERNANDES, Cleudemar A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2008.

FIORIN, José L. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B.; SILVA, M. C. S. (Org.). *Texto ou discurso*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 145-165.

_____. *Elementos de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-193.

_____. *O Regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.

_____. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L. P. e FIORIN, J. L. (Orgs). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. S. Paulo, Edusp, 1994, p. 29-36.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *A ordem do discurso*. 19ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. et.al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 67-159.

FUJIMOTO, Adriana O. P.; MARTINS, Rosemeire A. Z. História e educação da Igreja Metodista Livre Paróquia Itapevi – SP. *E-FACEQ: Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queiros*, ano 1, n. 1, p. 1-19, ago. 2012. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170427174304.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

GALVÃO, Renato A. Os povoadores da região de Feira de Santana. *Sitientibus*, v. 1, n. 1, p. 25-31, jul./dez. 1982. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/1/povoadores_da_regiao.pdf>. Acesso em: 01 out. 2017.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC. 2012.

GILLIANDERS, Isobel. *A história inacabada*. Feira de Santana: Planzo, 1990.

GONDIM, Sônia M. G.; FISCHER, Tânia. O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural. *Cadernos Gestão Social*, Salvador, v. 2, n. 1, p. 09-26, set./dez. 2009.

IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO. *Constituição da IEAB 2016-2020*. São Paulo, [s.n.], 2017.

_____. *Manual básico de doutrinas*. Ribeirão Pires: Avivamento, 2014.

_____. *Manual de Liturgia*. Ribeirão Pires: Avivamento, 2007.

_____. *Teologia da IEAB e questões contemporâneas*. Ribeirão Pires: Avivamento: 2018.

_____. *Ata de reunião do conselho do campo eclesiástico de Feira de Santana*. Feira de Santana, 2000, p. 83-84.

_____. *Visão, missão e propósitos da IEAB em Feira de Santana*. Feira de Santana [s.n.], 2015.

_____. *Classe de integração: iniciando na fé e nos propósitos da IEAB*. Feira de Santana [s.n.], 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades*: Feira de Santana. Panorama. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>>. Acesso em: 06 out. 2017.

JÚNIOR, Paulo J. dos S.; ROSA, André L. da. Experiência religiosa: da Reforma Protestante ao avivamento pentecostal. *Encontros Teológicos*, Florianópolis v.31, n.2, Mai. Ago. 2016, p.

235-251. Disponível em: <<https://revista.facasc.edu.br/ret/article/viewFile/58/52>>. Acesso em: 10. mar. 2018.

KELM, Thiago R. E. Convergências e divergências entre a noção de êxtase no pentecostalismo clássico e a noção de êxtase em Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio*, v. 14, n. 27, p. 69-84, jun. 2015.

LOPES, Marcelo. Bem-aventurados os ‘pobres’; porque eles reinam (ao menos) no ‘pentecostalismo’. Maringá, *Acta Scientiarum*, v. 34, n. 2, p. 141-145, Jul-Dez., 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/18637/pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

_____. Manifestações e simbolismo: uma leitura do êxtase pentecostal a partir da teoria do símbolo em Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio*, São Paulo, v. 12, n. 23, jun. 2013, p.141-161. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/download/4123/3682>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. *Revista do GELNE*, v. 2, n. 2, 2000, p. 1-12.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Criar, 2005.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, p. 68-95, 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, set. 2004.

_____. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 44, p. 24-44, mar. 1996.

MAZIÈRE, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola, 2007.

MEDEIROS, Douglas A.G. *O Reino de Deus e a Igreja na Teologia da Missão Integral*: René Padilla. Dissertação (Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: UMESP 2016.

NASCIMENTO, Maria C. A; SANTOS, Janio. O processo de urbanização e as mudanças na cidade de Feira de Santana. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS, 20.,

2016, Feira de Santana. *Anais...* Feira de Santana: UEFS, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/semic/article/view/3206/2611>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

NASCIMENTO, Valdivan C. *Pequenos grupos: para comunhão e crescimento da igreja*. 2ªed. Feira de Santana: Avivamento, 2017.

NOGUEIRA, Conceição. Análise (s) do discurso: diferentes concepções na prática de pesquisa em psicologia social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 235-242, jun. 2008.

OLIVEIRA, David M. Teologia pentecostal dialógica: metodologia e desafios. In: OLIVEIRA, David M. (Org.). *Pentecostalismo em diálogos*. São Paulo: Fonte, 2015, p. 23-34.

OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. Êxtase como locus hermenêutico na experiência religiosa dos pentecostalismos. *Revista Brasileira de História das Religiões*, a. 11, n. 31, p. 65-86, mai/ago. 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/41882/75137513763>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

_____. *Teologia e integralidade*. Vitória: Unida; RELEP, FTL, 2018.

OLIVEIRA, Lélia V. F. *E a história continua...* Feira de Santana: Igreja Evangélica Fundamentalista, 2007.

OLIVEIRA, Rafael S. Pentecostalismo e protestantismo histórico no contexto da Missão no Brasil. DISCERNINDO - *Revista Teológica Discente da Metodista*, v. 1, n. 1, p. 143-153, jan./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/discernindo/article/download/4774/4059>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

OLIVEIRA, Marinalva. *A vida de João Pedro de Oliveira*. Feira de Santana, 20 out. 2017. Entrevista concedida a Valdivan Conceição Nascimento.

OLIVEIRA, Wandersson F. M. O que as mensagens às sete igrejas do Apocalipse têm a ensinar para o Movimento de Crescimento de Igreja? *Protestantismo em Revista* | São Leopoldo, v. 32, p. 105-121, set./dez. 2013.

ORLANDI, Eni P. (Org.). *Palavra, fé, poder*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria C. L (Orgs.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos e confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007, p.1-16.

_____. *Discurso e leitura*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

PAES, Carlito. *Igreja brasileira com propósitos*. São Paulo: Vida, 2012.

PEDRO, Emília R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: PEDRO, Emília R. (Org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 19-46.

POMMERENING, Claiton Ivan. Fragmentos de uma teologia do espírito para o pentecostalismo clássico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 2. 2014, São Leopoldo. *Anais ...* São Leopoldo: EST, v. 2 p. 459-472, 2014. Disponível em: <<http://www.anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/249/214>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

POPPINO, Rolie. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968.

POSSENTI, Sírio. *Observações sobre o interdiscurso*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/POSSENTI%20-%20Observa%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20o%20Interdiscurso.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

RAMALHO, Diogo, Blog Humor Político. Disponível em: <<https://www.humorpolitico.com.br/tag/cemiterio/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

RODRIGUES, Edleia M. L.; FIGUEIREDO, Maria F. O discurso religioso e a tríplice influência: argumentação, texto e prosódia psicanalista. *Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras*, Franca, SP, v. 4, n. 4, p. 213-242, jan./dez. 2008.

ROLIM, Francisco C. *O que é pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, Elaine F. dos. *O discurso das diferenças: análise do interdiscurso, do ethos e da cenografia em “A cidade a infância” de José Luandino Vieira*. Doutorado em Língua Portuguesa. São Paulo: PUC, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1991.

SILVA, Aloisio T. R. *O milagre de um avivamento*. 2. ed. São Paulo: Avivamento, 2016.

SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia*. 1998. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. O campo religioso feirense: notícias e reflexões preliminares. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 41, p. 27-46, jul./dez. 2009.

SILVA, Igor J. T. A atuação social da Assembleia de Deus: normas e valores entre os anos 1970 e 1980. In: *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 28, 2015, Florianópolis, SC. *Anais...* Florianópolis, SC: ANPUH, 2015, p. 1-15. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439844658_ARQUIVO_IgorTrabuco-textoanpuh2015.pdf>. Acesso em: 01 out. 2017.

SILVA, Wallace Gois. *Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil: fundação, re(d)ação e teologia no contexto brasileiro de 1934 a 1986*. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/347>>. Acesso em: 01 out. 2017.

SOUZA, Beatriz. M. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

SOUZA, Bertone O. A teologia da prosperidade e a redefinição do protestantismo brasileiro: uma abordagem à luz da análise do discurso. *Revista Brasileira de História das Religiões*, a. 4, n. 11, p. 221-245, set. 2011.

_____. O Pentecostalismo na história brasileira: problemas de periodização e enfoques teórico-metodológicos. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, a. VIII, n. 22, p. 221-245, Mai/Ago, 2015.

STEPHANINI, Valdir. *Aumento de membresia ou reconfiguração eclesial? um estudo pastoral sobre pequenos grupos em igrejas batistas do estado do Espírito Santo*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2016.

TERRA, Kenner R. C. Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 51, p. 1085-1106, set./dez. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n51p1085>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

TORRESAN, Jorge L. Manipulação do discurso religioso. *Dialogia*, São Paulo, v. 6, p. 95-105, 2007. Disponível em: <<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/dialogia/article/view/1109>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

TRABUCO, Zózimo A. P. *O Instituto Bíblico Batista do Nordeste e a construção da identidade batista em Feira de Santana (1960-1990)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 1990.

WAGNER, Peter. *Estratégias para o Crescimento de Igrejas*. São Paulo: Sepal, 1991.

WARREN, Rick. *Uma Igreja com Propósitos*. 2 ed. São Paulo: Vida, 2008.

WULFHORST, Ingo. O pentecostalismo no Brasil. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, n. 1, v. 35, 2013, p. 7-20. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/838/767>. Acesso em: 12 abr. 2017.

VIALA, Alain. A eloquência galante: uma problemática da adesão. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Ethos discursivo: imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 167-182.

ZEPEDA, José de J. L. Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 73, p. 129-142, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092010000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 abr. 2017.